



Vencendo o *Burnout*

"Vinde a mim... cansados e oprimidos..."

13

**GRAVADO
NA PEDRA**

As referências
a Israel nos
hieróglifos
egípcios

20

**JORNADAS
DE FÉ**

Rúben
Fernandes

40

**ESPAÇO
UNIVERSITÁRIOS**

Convence-te
primeiro!

PUBLICADORA SERVIR
JUNHO 2024
N. 925 | ANO 85



"Eis que cedo venho." A nossa missão é realçar Jesus Cristo usando artigos e ilustrações para demonstrar o Seu amor sem igual, dar as boas-novas do Seu trabalho presente, ajudar outros a conhecê-LO melhor e manter a esperança da Sua breve vinda.

DIRETOR **José Lagoa**

DIRETORA DE REDAÇÃO **Lara Figueiredo**

COORDENADOR EDITORIAL **Paulo Lima**

E-MAIL **revista.adventista@pservir.pt**

COLABORADORES DE REDAÇÃO **Manuel Ferro**

DESIGN GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO **Joana Areosa**

ILUSTRAÇÕES DA REVISTA © **Adobe Stock**

PROPRIETÁRIA E EDITORA **Publicadora SerVir, S. A.**

DIRETOR-GERAL **António Carvalho**

SEDE E ADMINISTRAÇÃO **Rua da Serra, 1 – Sabugo
2715-398 Almagem do Bispo | 21 962 62 00**

CONTROLO DE ASSINANTES
assinaturas@pservir.pt | 21 962 62 19

IMPRESSÃO E ACABAMENTO

**Cafilesa – Soluções Gráficas, Lda.
Venda do Pinheiro**

TIRAGEM **4900 exemplares**

DEPÓSITO LEGAL **Nº 1834/83**

ISENTO DE INSCRIÇÃO NA ERC
DR 8/99 ARTº 12º Nº 1A ISSN 1646-1886

São bem-vindos todos os manuscritos, solicitados ou não, cujo conteúdo esteja de acordo com a orientação editorial da revista. Todos os artigos devem incluir o nome e a morada do autor bem como o contacto telefónico. Não se devolvem originais, mesmo não publicados.

Não é permitida a reprodução total ou parcial do conteúdo desta revista, ou a sua cópia transmitida, transcrita, armazenada num sistema de recuperação, ou traduzida para qualquer linguagem humana ou de computador, sob qualquer forma ou por qualquer meio, eletrónico, manual, fotocópia ou outro, ou divulgado a terceiros, sem autorização prévia por escrito dos editores.

junho

D	S	T	Q	Q	S	S
26	27	28	29	30	31	1
2	3	4	5	6	7	8
9	[10]	11	12	13	14	15
16	17	18	19	20	21	22
23	24	25	26	27	28	29
[30]	1	2	3	4	5	6

DIAS ESPECIAIS E OFERTAS

15 COLÓQUIO DE MORDOMIA
– RE ALENTEJO

16 FORMAÇÃO SAL

21-23 FORMAÇÃO DE MULHERES
PARA A LIDERANÇA

24 VIGÍLIA NACIONAL DE ORAÇÃO
(ZOOM)

29/6-6/7 CAMPANHA DE
EVANGELISMO RE NORTE

COMUNIDADE DE ORAÇÃO

3-7 HOPE MEDIA EUROPE NA
ALEMANHA (EUD)

10-14 UNIVERSIDADE ADVENTISTA
DE FRIEDENSAU (EUD)

17-21 UNIÃO PORTUGUESA (PTU)

24-28 SEMINÁRIO DE BOGENHO-
FEN (ATU)

[FH] FÉ DOS HOMENS

[10] SEGUNDA-FEIRA

[C] CAMINHOS

[30] DOMINGO

julho

D	S	T	Q	Q	S	S
30	<u>1</u>	<u>2</u>	<u>3</u>	<u>4</u>	<u>5</u>	<u>6</u>
7	[8]	9	10	11	12	13
14	15	16	17	[18]	19	20
21	22	23	24	25	26	27
28	29	30	31	1	2	3

DIAS ESPECIAIS E OFERTAS

4-7 ACAMPAMENTO LOGOS

5-9 CONVENÇÃO IBÉRICA DE
EDUCAÇÃO

6 COLÓQUIO DE MORDOMIA
– RE NORTE B

11-14 ACNAC REBENTOS

13 COLÓQUIO DE MORDOMIA
– RE NORTE C

19-21 CONGRESSO EUROPEU DE
LÍNGUA PORTUGUESA (CELP)

21-28 ACNAC TIÇÕES

28/7-4/8 ACNAC EXPLORADORES

29 VIGÍLIA NACIONAL DE ORAÇÃO
(ZOOM)

COMUNIDADE DE ORAÇÃO

1-5 LARES LAPI (PTU)

8-12 UNIÃO NORTE ALEMÃ (NGU)

15-19 ASSOCIAÇÃO MORÁVIA-SI-
LÉSIA (CSU)

22-26 EDITORA ADVENT VERLAG
KRATTIGEN (SWU)

[FH] FÉ DOS HOMENS

[8] SEGUNDA-FEIRA

[18] QUINTA-FEIRA

[FH] RTP2 ENTRE AS **15:00** E AS **15:30** | **ANTENA 1** A PARTIR DAS **22:47**

[C] RTP2 ENTRE AS **17:00** E AS **17:30** | **ANTENA 1** A PARTIR DAS **06:00**

ESTES HORÁRIOS DE EMISSÃO PODEM SER ALTERADOS PELA RTP2 SEM AVISO PRÉVIO.

Índice

04

EDITORIAL

Reavivamento e reforma, hoje!

05

ATUALIDADE

Porque estamos tão ansiosas e exaustas?

Uma ajuda para todas, e todos, que estão a sofrer de burnout.

10

MISSÃO GLOBAL, AÇÃO LOCAL

Ministérios da Mulher em missão

Um projeto de missão para as mulheres Adventistas em Portugal.

13

GRAVADO NA PEDRA

As referências a Israel nos hieróglifos egípcios

A prova arqueológica da antiguidade de Israel enquanto nação instalada em Canaã.

18

OLHA O QUE EU VI

Alegria

A importância de sermos alegres e felizes!

20

JORNADAS DE FÉ

Rúben Fernandes

Conheça a história de vida do criador do programa “O Grande Confito” da TV Novo Tempo Portugal.

25

CRESCER NA GRAÇA

Cristo, o único meio de chegar à presença de Deus (Parte II)

A via de chegada à presença de Deus explicada em detalhe.

33

HERÓIS DA BÍBLIA

Abraão

Sabias que Abraão foi o pai da fé? Descobre porquê!

36

ESPÍRITO DE PROFECIA

A herança dos santos

Aguarda-nos uma morada celestial incomparável!

38

PÁGINA DA FAMÍLIA

Os limites

A importância de saber dizer “não”.

40

ESPAÇO UNIVERSITÁRIOS

Convence-te primeiro!

Primeiro tens de estar convicto da tua fé. O testemunho vem depois!

42

TEOLOGIA

Falar em línguas

Uma posição Adventista sobre um tema controverso.

48

HISTÓRIA ADVENTISTA

Os princípios gémeos da Benevolência Sistemática

Quando o sistema do dízimo ainda não tinha sido descoberto pela nossa Igreja.





EDITORIAL

Pr. José Lagoa

Presidente da UPASD

Reavivamento e reforma, hoje!

Na jornada espiritual, por vezes encontramos-nos em desertos áridos, onde a nossa fé parece frágil e as nossas esperanças se desvanecem. O livro de II Crónicas 7:14 lembra-nos: “Se o meu povo, que se chama pelo meu nome, se humilhar, e orar, e me buscar, e se converter dos seus maus caminhos, então, eu ouvirei dos céus, perdoarei os seus pecados e sararei a sua terra.”

Estas palavras não são apenas um convite, mas uma promessa divina de renovação e restauração. Elas ecoam através dos séculos, chamando-nos a um compromisso mais profundo com Deus e a uma vida de santidade. O reavivamento e a reforma não são meramente conceitos teológicos abstratos; são a essência da jornada espiritual, o combustível que inflama o nosso coração e que nos leva a buscarmos uma comunhão mais íntima com o Divino. “Precisamos de orar mais, e de falar menos. Abundante é a iniquidade e o povo deve ser ensinado a não se satisfazer com uma forma de piedade sem o espírito e o poder.”¹

O reavivamento fala à alma adormecida, despertando-a para a realidade da presença de Deus na nossa vida. É o toque do Espírito Santo que leva a uma consciência renovada da nossa necessidade de redenção e de restauração. É o chamado de regresso ao primeiro amor, à paixão ardente que nos consome pela busca de Deus. “Reavivamento significa renovação da vida espiritual, um avivamento das faculdades

da mente e do coração, uma ressurreição da morte espiritual.”²

A reforma, por sua vez, é a resposta prática ao reavivamento. É a transformação interna que se manifesta numa vida externa renovada. É o abandono dos caminhos do mundo e a adoção dos princípios do Reino de Deus. É a purificação do coração, a renúncia ao pecado e a busca constante pela justiça e pela santidade.

O reavivamento e a reforma não são eventos isolados, mas um processo contínuo e dinâmico na vida do crente. É um chamado diário à rendição, à humildade e à busca incessante por uma vida mais profunda em Deus.

Quando nos humilhamos diante de Deus, Ele responde com graça abundante. Ele restaura o que foi quebrado, cura o que estava ferido e renova o que estava morto. Que possamos responder a este chamado com o coração aberto e com disposição para a mudança. Que possamos buscar diariamente o reavivamento e a reforma, sabendo que, através deles, experimentaremos a plenitude da vida que só pode ser encontrada em Cristo.

Quer aceitar este desafio do Senhor?

¹
Ellen G. White, *Mensagens Escolhidas*, vol. 1, p. 122.

²
Ellen G. White, *Mensagens Escolhidas*, vol. 1, p. 128.



—
Dr^a. Cristina Pita
Médica Psicoterapeuta

Porque Estamos Tão Ansiosas e Exaustas?

Estamos a viver uma epidemia de *burnout*, exaustão e ansiedade. E há uma vergonha silenciosa associada a isso.



Estamos a viver uma epidemia de *burnout*, exaustão e ansiedade. E há uma vergonha silenciosa associada a isso. Este artigo está mais direcionado para mulheres, mas os princípios aplicam-se igualmente aos homens. Sei, por experiência clínica, pois atendo vários homens em consulta, apesar de me dedicar mais às mulheres.

Pensamos para nós mesmas: Toda a gente está sob muito stresse, mas todos parecem estar a aguentar. Se eu me sinto exausta, ansiosa ou estou em *burnout*, talvez eu seja pior do que as outras pessoas.

Por isso, muitas, entre de nós, estão a esgotar a sua capacidade de lidar com a situação e muitas pessoas estão em *burnout* de forma silenciosa e secreta.

Em vez de sofrer em silêncio, vamos ter uma “conversa” franca sobre isto.

Como médica de medicina integrativa e terapeuta, sou especialista em ajudar mulheres a recuperar a sua essência e a manter o sucesso profissional de forma leve e tranquila. Através de um acompanhamento terapêutico natural e integral, previno e trato o *burnout* e a ansiedade, pelo que entendo como te sentes.

Talvez te sintas cansada e sem energia no dia-a-dia, sobrecarregada com a falta de tempo para ti mesma. Pode ser que, após as férias, te sintas ainda mais frustrada por não conseguires ser eficaz e produtiva como antes. A tua concentração e a tua memória já não são as mesmas e tens medo de nunca mais voltar a ser como eras. Além disso, sentes-te irritada quando te pedem ajuda, acordas cansada e angustiada, com palpitações e dores no

peito. Durante o dia, sofres com dores de cabeça e de estômago, e ao domingo, só de pensar na segunda-feira, sentes-te mal.

A Minha História com Ansiedade e *Burnout*

Eu compreendo como te sentes porque já passei por isso. Sentia-me exausta, ao ponto de o dar banho ao meu filho parecer-me uma tarefa impossível. Preparar refeições, organizar a casa e focar-me no trabalho tornaram-se desafios enormes.

A minha mente estava a mil com pensamentos relacionados com objetivos académicos e profissionais. Sentia-me angustiada, sem paz e com sintomas físicos como dores de cabeça, dores de estômago, náuseas e vontade de vomitar.

Cheguei ao ponto de não conseguir levantar-me para ir trabalhar. Foi então que percebi que algo tinha de mudar. Aprofundei-me em medicina integrativa, medicina do estilo de vida e psicoterapia clínica para curar-me, sem depender de medicamentos para sempre.

Graças a Deus e ao processo terapêutico, superei essa fase.

Durante o processo, Deus mostrou-me que tinha um belo propósito por detrás de todo esse sofrimento e deu-me a ordem: “Apodera-te da Minha força!” Sim, porque o teu sofrimento nas mãos de Deus nunca é em vão. Foca-te no propósito, apodera-te da Sua força e faz o que tem de ser feito, e essa fase vai ser superada.

Na Pandemia comecei a dar consultas *online* e tenho o privilégio de ter atendido inúmeras mulheres, tanto



jovens como adultas, de várias localidades de Portugal Continental e Ilhas, e também de mais de dez países em três Continentes. Por isso, sei o quanto precisas de ouvir sobre este tema, para prevenires ou mudares a causa, ao trabalhares na raiz do problema e não de forma superficial.

És valiosa, és uma filha amada do Pai Celestial e, sem querer, podes estar a ser uma Marta disfarçada, muito focada no fazer, fazer... Encontras-te em modo de piloto automático, sem te dares conta de quão exausta e ansiosa estás. Se estás a passar por alguns dos sintomas que referi, não te sintas sozinha, porque isto não acontece somente contigo.

A Epidemia do *Burnout*

O stresse é uma experiência individual que leva tanto a mudanças bioquímicas, como neurológicas e psicológicas (cognitivas, emocionais e comportamentais).

A Síndrome de *Burnout* é caracterizada por um estado de exaustão emocional, mental e física resultante de um período intenso e prolonga-

do de exposição ao stresse devido ao trabalho e/ou ao contexto académico. Mas costumo explicar de forma simples que o *burnout* é quando o trabalho e a vida (obviamente) nos esgotam.

É sabido que a prevalência de *burnout* é elevada e atinge todas as profissões, mesmo que ames o que fazes, que sejas apaixonada pela tua profissão.

Do que sei a partir da minha experiência pessoal e clínica, e também de acordo com vários autores, existem diversos fatores e diversas causas para desenvolvermos *burnout* e sintomas de ansiedade. Cito alguns:

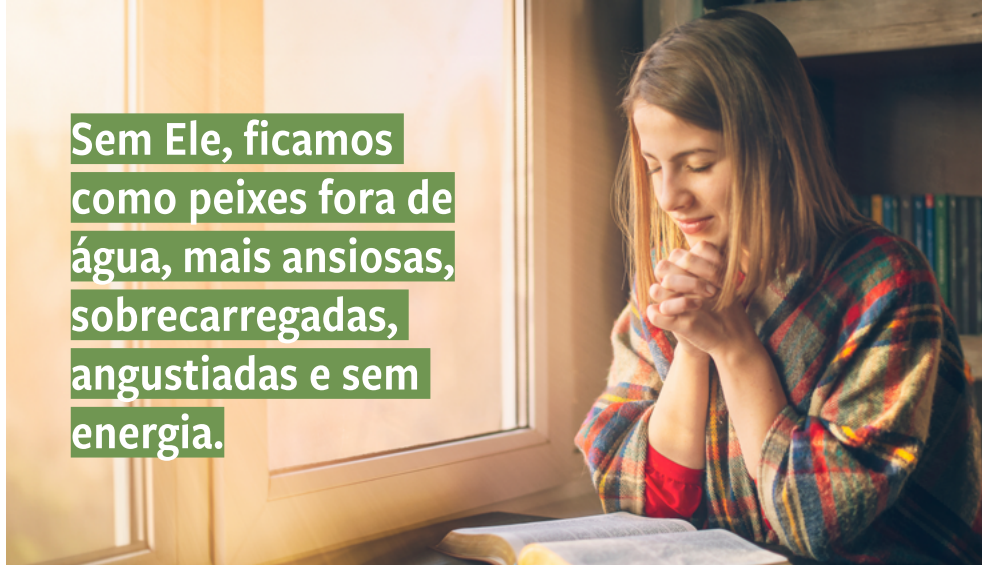
Causas Emocionais

- Emoções bloqueadas de memórias dolorosas desde o útero materno, na infância e até à atualidade, que desenvolveram falsas ideias sobre o teu valor, sobre o trabalho, sobre as pessoas e mesmo sobre Deus.
- Falta de limites nos relacionamentos e no trabalho, muitas vezes de uma forma inconsciente (não saber dizer “não”, querer agradar todos, etc.).
- Medo do que estás a sentir.

Causas Físicas

- Hábitos de vida que não são saudáveis.
- Stresse crónico pessoal e profissional.
- Alterações hormonais (tiroide, no ciclo menstrual, na perimenopausa, na menopausa e na pós-menopausa, etc.).
- Deficiência de micronutrientes.

**Sem Ele, ficamos
como peixes fora de
água, mais ansiosas,
sobrecarregadas,
angustiadas e sem
energia.**



A desconexão com a Fonte Divina de paz e segurança é outra causa que contribui para o nosso sofrimento. Por não conhecermos o Seu amor pessoalmente e por não acreditarmos que o Soberano do Universo, o Manancial de todo o poder, é o nosso Pai Celestial, que nos ama e cuida de nós. Na Sua presença estamos seguras; no Seu amor não há temor.

Em Mateus 11:28-30, Jesus convida-nos: “Vinde a mim, todos os que estais cansados e oprimidos, e eu vos aliviarei. Tomai sobre vós o meu jugo, e aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração; e encontrareis descanso para as vossas almas. Porque o meu jugo é suave, e o meu fardo é leve.”

Sem Ele, ficamos como peixes fora de água, mais ansiosas, sobrecarregadas, angustiadas e sem energia.

Não há saúde mental sem saúde física e espiritual, e o contrário também é verdade.

Ellen G. White, em *Mente, Caráter e Personalidade* diz-nos que “a relação existente entre a mente e o corpo é muito íntima. Quando um é afeta-

do, o outro também o é. O estado da mente afeta a saúde do sistema físico” (vol. I, p. 141).

Ela enfatiza a necessidade de uma abordagem integral para a cura afirmando que o trabalho de restaurar almas quebrantadas pelo pecado é de uma ordem elevada. Para conseguir a perfeita restauração, é necessária uma restauração física, mental e espiritual.

É importante irmos à raiz do problema, que é tanto física como mental e espiritual, e não taparmos os sintomas apenas com medicação, sem ir à causa real.

É assim que avalio e trato em consulta, de uma forma global e o mais natural possível, e é assim que tenho o privilégio de ser um canal na transformação de mulheres incríveis, cristãs e não-cristãs, que se sentiam perdidas e que, após tantos psiquiatras e psicoterapeutas, continuavam ansiosas, com ataques de pânico, deprimidas, exaustas e em *burnout*. Com o acompanhamento terapêutico, encontraram o seu ponto de equilíbrio, voltaram a ser quem eram. Mas com uma leveza

renovada, com energia, alegria e paz, apesar dos desafios diários, sem dependerem de medicamentos.

Prevenção da Exaustão e da Ansiedade

A Sociedade moderna impõe um ritmo de vida acelerado e expectativas irreais às mulheres. A pressão para ser bem-sucedida, manter uma vida social ativa e equilibrar as responsabilidades da família e da Igreja pode ser esmagadora.

Como Cristãs, somos desafiadas a encontrar um equilíbrio que nos permita viver de acordo com os princípios bíblicos, enquanto navegamos pelas exigências da vida contemporânea.

O que podemos fazer para prevenir este estado de exaustão e ansiedade?

Deixo-te algumas orientações:

- **Cultiva uma Disciplina Espiritual:** A oração, a leitura da Bíblia e a meditação diária nos princípios de Cristo são fundamentais para encontrares paz e força.
- **Estabelece Limites Saudáveis:** Aprende a dizer “não” e define prioridades, sendo a saúde do teu corpo e da tua mente uma prioridade.
- **Pratica um Estilo de Vida Saudável:** Alimentação saudável, exercício físico regular e sono adequado são essenciais para manteres a saúde mental e física.
- **Desconecta-te da Tecnologia:** Reduzir o tempo de uso de dispositivos eletrónicos e de redes sociais pode ajudar a diminuir o stresse e a ansiedade.
- **Busca Ajuda Profissional:** Não é sinal de fraqueza, mas sim de

coragem. Não és débil, és apenas humana, e todos precisamos de ajuda.

- **Foca-te no Presente:** Onde estão os teus pés é onde deve estar a tua mente. Foca os teus pensamentos no presente e nas promessas divinas. Concentra-te naquilo que está sob o teu controlo e não no que não podes controlar.
- **Acede às minhas redes sociais para obteres mais apoio:** *Instagram e Facebook:* @dracristinapita e também no *Instagram:* @drs-crisdan.

A ansiedade e o *burnout* são desafios significativos no século XXI, mas não estamos sem esperança. Ao entendermos as causas emocionais, físicas e espirituais destes problemas, podemos trabalhar de forma integral para restaurar a nossa saúde.

Como Cristãs, temos a promessa da paz de Deus, que excede todo o entendimento, para guardar o nosso coração e a nossa mente. Que busquemos essa paz e a ajuda necessária para encontrar alívio e cura, para que possamos desfrutar da vida plena e abundante que Cristo já conquistou para nós.

Referências

- Organização Mundial da Saúde. (2019.) *Burn-out an ‘occupational phenomenon’: International Classification of Diseases.*
- *Bíblia Sagrada.* Filipenses 4:6 e 7; Mateus 11:28-30.
- Ellen G. White. (2005.) *Mente, Caráter e Personalidade.* Vol. I. Casa Publicadora Brasileira.
- Bayes A., Tavella G., Parker G., *The biology of burnout: Causes and consequences.* *World J. Biol. Psychiatry.* 2021 Nov. 22(9):686-698. doi: 10.1080/15622975.2021.1907713. Epub 2021 Apr 30. PMID: 33783308.

Ministérios da Mulher em missão

É propósito deste Departamento envolver todas as mulheres na missão, usando os talentos que foram confiados por Deus a cada uma.

O Departamento dos Ministérios da Mulher existe para apoiar, encorajar e desafiar cada mulher Adventista na sua peregrinação como discípula de Jesus e membro da Sua Igreja neste mundo. Na prática, providencia o espaço para adequar as necessidades espirituais, emocionais, físicas e sociais de cada mulher na Igreja, ajudando-a a descobrir a sua verdadeira identidade e a sua missão em Cristo. Com cada mulher motivada e capacitada a viver a totalidade do seu potencial concedido por Deus, será mais fácil dar a conhecer Cristo na família, na Igreja e no mundo, e levar as boas-novas da salvação a todas as pessoas, convidando-as a tornarem-se amigas de Jesus e a cooperarem com Ele na preparação de todos para o Seu regresso em breve.

Tudo isto está em perfeita sintonia com a mente do Criador, que, no princípio, criou um homem e uma mulher como os primeiros gestores deste Planeta. Tal como uma moeda é constituída por dois lados, também cada situação fica mais completa, se abordada pela perspetiva da mulher e do homem. Como está escrito: “Quando é para ser feito um grande e decisivo trabalho, Deus escolhe homens e mulheres para fazer esse trabalho, e será vista a perda, se os talentos de ambos não forem combinados” (Ellen G. White, *Evangelismo*, p. 469).

Este Departamento não é novo. Em 1898, com o encorajamento da irmã Ellen G. White, Sarepta Henry liderou um Departamento para aben-



Cristina Bastos
*Diretora-Associada
do Departamento dos
Ministérios da Mulher*

çoar as mulheres da Igreja e torná-las numa fonte de bênçãos. Sarepta era filha de um Pastor Metodista, a quem costumava acompanhar nos seus itinerários. Em 1861, casou-se com um professor, que veio a falecer dez anos depois, deixando-a com três filhos pequenos. Para manter a família, Sarepta dava aulas e escrevia histórias e poesias para publicação.

Em 1874, ao ver o seu filho ser tentado a entrar num bar, Sarepta decidiu organizar as mulheres cristãs como promotoras ativas da temperança. Os seus talentos como oradora levaram-na até a ser a evangelista nacional da recém-formada União de Temperança das Mulheres Cristãs (UTMC). A pesada carga de viagens e palestras contribuiu para que ela adoecesse. Ao buscar

ajuda no Sanatório de Battle Creek, veio a conhecer melhor os ensinamentos da Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD), que, no fim do verão de 1896, aceitou. Pouco depois, enquanto orava, foi curada e reassumiu o seu trabalho na UTMC. Em 1898, impressionada ao perceber quão passivas eram as mulheres Adventistas, elaborou um plano, chamado “Ministério da Mulher”, no sentido de as despertar para serem uma influência positiva, enfatizando o papel da mãe na educação moral da Sociedade, através de palestras que fez por todos os Estados Unidos da América e pelo Canadá. Nesse mesmo ano, deixou os seus trabalhos na UTMC para se dedicar totalmente à mobilização das mulheres Adventistas nesta obra restauradora para a Sociedade. Sarepta via que as mulheres Adventistas poderiam realizar uma obra de valor igual ou superior à da UTMC, se estivessem organizadas e treinadas. Nesta obra, recebeu uma licença ministerial da Conferência Geral e também foi encorajada pela profetisa do Senhor, que lhe disse: “A obra que está a realizar para ajudar as nossas irmãs a sentirem a sua responsabilidade individual para com Deus é boa e necessária.” Sarepta também produzia uma página semanal na Revista *Review and Herald* publicada pela Igreja, chamada “Trabalho Evangelístico das Mulheres”. Com a sua morte, em 1900, as outras nove mulheres envolvidas neste trabalho acabaram por desistir pouco depois, ficando este ramo da obra adormecido até 1980, quando se voltou a perceber, numa reunião da Conferência Geral, a importância de organizar e aliar o enorme

potencial dos talentos das mulheres. Aos pouquinhos, a mobilização das mulheres Adventistas voltou a ressurgir, até que, em 1995, na Conferência Geral em Utrecht, nos Países Baixos, os Ministérios da Mulher foram votados como um Departamento. Entre o fim de 1995 e o ano de 1996, todas as Divisões tinham estabelecido este Departamento.

Houve alguma surpresa quanto a este novo ramo da missão, mas ele faz todo o sentido para envolver todos, como Jesus ordenou, e para atender a campos de ação muito específicos, onde a mulher pode intervir de modo único em favor de outras mulheres. De facto, cada mulher tem um potencial único para se tornar numa excelente embaixatriz da educação, da saúde e da temperança, da mordomia, do apoio a outras mulheres, entre outros campos de ação, devido aos diferentes papéis que desempenha.

Assim, é propósito deste Departamento envolver todas as mulheres na missão, usando os talentos que foram confiados por Deus a cada uma. Para tal, existem **três Pilares de Ação**, que passaremos a explicar.

1. NUTRIR

Chegar até Deus

Para começar, é necessário ajudar cada mulher a consciencializar-se de que é uma pessoa de valor inestimável, criada e redimida por Deus. De seguida, motivá-la a aprofundar a sua fé e a experimentar renovação e crescimento espirituais. Aqui, a construção de redes de apoio, de partilha e de encorajamento entre as mulheres da igreja

local e mundial é útil para favorecer a formação de laços de amizade e a troca criativa de ideias e de informação. A mentoria também pode encorajar e criar trajetórias para um envolvimento mais íntimo com Cristo e para desenvolver o potencial que cada uma tem n'Ele. Um exemplo disto é o grupo de *WhatsApp* “Arte na Palavra”, onde existe estudo da Bíblia e de outros textos inspiradores, com partilha e alguma mentoria para a expressão artística individual de cada estudo.

2. EMPODERAR

Imergir em Deus

Aqui pretende-se desafiar cada mulher Adventista a trazer as suas perspetivas únicas para os assuntos que confrontam a Igreja e capacitá-las a desenvolverem o seu potencial e a completarem os dons dados a outras mulheres e homens, no trabalho, lado a lado, para o desenvolvimento da missão global da IASD.

3. DIVULGAR

Alcançar com Deus

Finalmente, pretende-se expandir vias de serviço cristão dinâmico para as mulheres, a partir da plenitude que cada uma encontrou, pessoalmente, em Cristo, para ser habilitada a partilhar as boas-novas dentro da família, na Igreja e, em círculos sempre crescentes, no mundo que não conhece a salvação.

Em resumo, a nossa visão é ter as mulheres capacitadas e motivadas para viverem todo o seu potencial dado por Deus, de modo a cumprir a missão – comum a todos os Cristãos – de exaltar Cristo na Igreja e no mundo.



Marcos Osório
Arqueólogo



RádioRCS
91.2 fm



radiorcs.novotempo.pt
[/podcasts/gravado-na-pedra](https://podcasts/gravado-na-pedra)



GRAVADO NA PEDRA

As referências a Israel nos hieróglifos egípcios

No Egito, certas inscrições em hieróglifos fazem alusão a acontecimentos, a povos e a nações que são referidos na narrativa bíblica, especialmente aquelas epígrafes que se referem aos povos subjugados nas campanhas militares. Estas listagens de derrotados constituem uma prática comum dos Faraós, particularmente durante o período do Novo Reino (entre os sécs. XVI e XI a.C.), representando uma forma exemplar de exaltar e de demonstrar o seu poder aos súbditos (Shanks, 2012).

As epígrafes identificam os nomes das cidades, dos reinos ou dos grupos étnicos que foram submetidos ao domínio egípcio, constituindo documentos essenciais para o conhecimento da geografia e da história antiga do Próximo Oriente, havendo apenas o problema da conversão das designações estrangeiras para o idioma nativo egípcio, que não se ajustavam às regras de pronúncia e de redação original das palavras, o que impõe, hoje, desafios adicionais aos investigadores.

Entre estas referências, destaca-se uma inscrição muito antiga, descoberta nas escavações conduzidas por Michela Giorgini, no templo de Amun-Ra, em Soleb, na região da Núbia (no atual Norte do Sudão), construído durante o reinado do Faraó egípcio Amenófis III, no final do século XV a.C..

No local foram descobertas, entre 1957 e 1963, diversas bases de colunas onde tinham sido meticulosamente listados os povos da Núbia e da Síria que o Faraó se gabava de ter conquistado, através da representação de prisioneiros de mãos amarradas atrás das costas, acompanhados de uma cartela

oval com os hieróglifos que identificam a sua proveniência (Aling e Billington, 2009).

Um dos prisioneiros, de feições claramente semitas, e não africanas, é identificado como oriundo da **“Terra dos shasu de YHW”**. Os autores discutem acerrimamente de que etnia ou nação se trata. Mas, sabendo que a palavra egípcia *“shasu”* era genericamente atribuída aos “Beduínos” ou “nómadas criadores de gado” (Kennedy, 2019: 184), alguns perguntam-se a que “nó-

Fig. 1 – Réplica dos hieróglifos do templo de Soleb (atual Sudão), referindo-se à “Terra dos shasu de Javé” (©Armstrong Institute of Biblical Archaeology).



madas de Javé” poderia estar o texto a referir-se, a não ser aos Hebreus da Bíblia?

Todavia, a mais célebre de todas as referências egípcias é a Estela de Merenptah, que foi encontrada em 1896, por Flinders Petrie, nas ruínas do templo funerário erguido em honra deste Faraó, na primitiva cidade de Tebas (Petrie, 1896: 619). O texto foi redigido logo após a morte do seu pai, Ramsés II, o Grande, e é datado dos derradeiros anos do séc. XIII a.C..

No rol de conquistas militares na Líbia e em Canaã, registadas na estela, um perito em escrita egípcia antiga ficou surpreendido ao identificar um hieróglifo, até então desconhecido, fazendo menção a um povo denominado como “*Ysrir*” ou “*Ysirar*” (Van der Veen *et al.*, 2010: 18). Pela análise linguística e pelo contexto geográfico das restantes nações elencadas nessa sequência, tais como *Canaan*, *Gezer*, *Ashkelon* e *Yanoam*, o termo egípcio tem sido traduzido como “Israel”, sendo então a mais antiga referência ao povo israelita, enquanto entidade étnica sedentarizada (Hasel, 1994: 54).

Mais recentemente, em 2001, o arqueólogo alemão Manfred Görg identificou dois pedestais de estátuas, arquivados desde os inícios do séc. XX na reserva do Museu Egípcio de Berlim, com o mesmo tipo de inscrição, que não tinham sido ainda lidos (Görg, 2001). De acordo com as notas do arquivo museográfico, eles não foram descobertos em escavações arqueológicas, mas adquiridos a um comerciante egípcio por Ludwig Borchardt, em 1913.

Ambos exibem a mesma cena esculpida na pedra, com três prisioneiros amarrados pelo pescoço, em que cada um representa uma nação inimiga derrotada pelos Egípcios, tendo na parte inferior gravada a cartela de identificação, com os seus nomes étnicos em hieróglifos.

A diferença é que, enquanto um dos pedestais inclui um recluso núbio, o outro exhibe apenas prisioneiros asiáticos (Shanks, 2012). Neste, as duas primeiras cartelas estão integralmente preservadas, revelando os topónimos *Ashkelon* e *Canaan*, mas a leitura da terceira legenda é dificultada pela sua fratura. Só em 2010, após novas análises aos restos dos hieróglifos preservados na cartela truncada, os especialistas assumiram a leitura “*Ic-sar-EL*” ou “*Ya-sar-EL*”, ou seja, muito provavelmente, “Israel” (no hebraico, *ysr’l*) (Van der Veen *et al.*, 2010: 18).

Como é habitual nos debates de confrontação do relato bíblico com o registo arqueológico, nem todos os eruditos assumem as concordâncias de leitura, colocando reticências a todo o tipo de descoberta arqueológica que pareça confirmar a historicidade bíblica (Hoffmeier, 2007), sobretudo quando se deparam com incertezas na interpretação de inscrições hieroglíficas fragmentadas.

Apesar da discrepância entre a grafia do nome “*YaSar’el*” e “*Ysrir*” da Estela de Merenptah, que outra denominação geográfica poderia evocar esta combinação de sílabas, ao ponto de ser considerada mais plausível do que Israel, mantendo coerência com a mesma sequência geográfica da este-

la de Merenptah (Van der Veen *et al.*, 2010: 19; Shanks, 2012)?

Com o propósito de dissipar quaisquer dúvidas, em 2012, Peter Van der Veen realizou um varrimento a *laser scan 3D* da epígrafe, confirmando a presença, na linha superior, de um elemento que sugere um bico, que faz parte do hieróglifo que simboliza o abutre – o qual, no contexto do sistema de escrita egípcio, juntamente com a folha de junco adjacente, representa a sílaba “YA” (Van der Veen, 2012: 42).

Também a combinação do hieróglifo da folha de junco, com a boca e o traço vertical, ainda parcialmente visível no canto inferior direito, constitui a formulação arcaica do nome da divindade “El” (ver explicação esquemática na figura 3).

Se estiverem corretos, estes argumentos corroboram a leitura da terceira cartela como “Israel”, provendo-nos importantes informações sobre os primórdios desta nação e reacendendo o debate em torno da cronologia do Êxodo dos Hebreus.

A datação exata do pedestal é motivo de controvérsia, uma vez que o monumento não foi descoberto no local onde se encontrava primitivamente. Assim, devido ao desconhecimento do seu contexto original, os especialistas basearam-se apenas na análise paleográfica, apesar das diferenças ortográficas comparativamente com outros hieróglifos conhecidos.

Alguns pesquisadores sugerem que o pedestal terá sido redigido nos reinados de Ramsés II ou Merenptah (séculos XIV e XIII a.C.), pressupondo que só nessa altura haveria uma



Fig. 2 – Pedestal de estátua do Museu de Berlim com inscrição hieroglífica mencionando Israel (©Wikipedia).

entidade semelhante a Israel nas terras altas centrais de Canaã, e nunca antes.

Contudo, segundo as análises paleográficas dos egiptólogos, a forma primitiva de representar a partícula “El” desta cartela, correspondente ao nome divino, impede qualquer cronologia posterior, podendo recuar aos reinados de Amenhotep II (1400 a.C.) e Amenhotep III (1360 a.C.), isto é, ao início do séc. XIV a.C., o que torna esta inscrição mais antiga, cerca de 150 anos, do que a Estela de Merenptah.

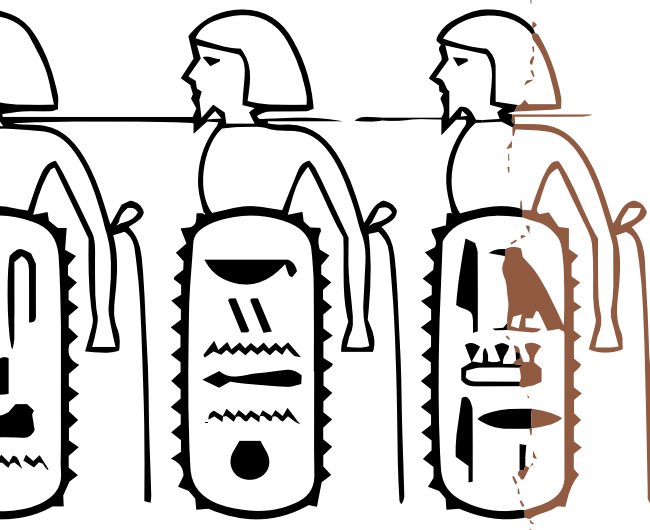
A opinião geral do meio científico tem sido de que – independentemente de aceitarem ou não as tradições bíblicas do Êxodo como históricas – a formação da nação ocorreu não antes do final da Idade do Bronze Final ou dos inícios da Idade do Ferro, por volta de 1200 a.C., tendo em conta, prin-



principalmente, os vestígios conhecidos e datados que provam a destruição de várias cidades cananeias, nesse período (Shanks, 2012). Mas, essa destruição, na verdade, deverá coincidir, não com a chegada dos Hebreus, mas será posterior, e entroncará no relato bíblico dos Juízes, que cobre precisamente esse período cronológico.

Deste modo, a questão que se impõe é se é possível que o Israel bíblico tenha chegado a Canaã ainda durante o séc. XIV a.C., porque se a Estela de Merenptah refere uma nação de nome Israel, seria imperativo presumir um lapso temporal de pelo menos um século para que os escravos fugidos do Egito pudessem organizar-se enquanto nação e serem assim designados pelos registos egípcios. Tal conjectura

Fig. 3 – Representação esquemática da gravura com os três prisioneiros e os respetivos hieróglifos identificativos e reconstrução hipotética da cartela do prisioneiro israelita (©Armstrong Institute of Biblical Archaeology).



atribui, por conseguinte, a chegada dos Hebreus a Canaã num período substancialmente anterior ao inicialmente estimado, delineando uma narrativa de conquista e de estabelecimento israelita na Terra Prometida datada aproximadamente de 1400 a.C.

E assim vemos como a possibilidade de que os hieróglifos deste pedestal contenham uma referência a Israel tem implicações significativas para o debate acerca da historicidade do Êxodo. Se a inscrição tiver, de facto, uma referência a Israel e tiver a cronologia que lhe é atribuída, isso poderá sugerir que havia mesmo um coletivo identificado como israelita muito mais cedo do que os estudiosos acreditavam.

Bibliografia

ALING, Charles; BILLINGTON, Clyde (2009) – “The name Yahweh in Egyptian hieroglyphic texts”. *Artifax*. 24:4.

GÖRG, Manfred (2001) – “Israel in Hieroglyphen”. *Biblische Notizen*. 106, pp. 21-27.

HASEL, Michael G. (1994) – “Israel in the Merneptah Stela”. *Bulletin of the American Schools of Oriental Research*”. 296, pp. 45-61.

HOFFMEIER, James K. (2007) – “What is the biblical date for the Exodus? A response to Bryant Wood”. *Journal of the Evangelical Theological Society*. 50(2), pp. 225-247.

KENNEDY, Titus (2019) – “The Land of the SAsw (Nomads) of yhwA at Soleb. *Dotawo: A Journal of Nubian Studies*”. 6:1. Santa Bárbara, pp. 175-192.

PETRIE, William Flinders (1896) – “Egypt and Israel”. *The Contemporary Review*, 69, pp. 617-627.

SHANKS, Hershel (2012) – “When did ancient Israel begin? New hieroglyphic

inscription may date Israel’s ethnogenesis 200 years earlier than you thought”. *Biblical Archaeology Review*. 38/1 (Jan-Feb), pp. 59-62.

VAN DER VEEN, Peter; THEIS, Christoffer; GÖRG, Manfred (2010) – “Israel in Canaan (long) before Pharaoh Merneptah? A fresh look at Berlin statue pedestal relief 21687”. *Journal of Ancient Egyptian Interconnections*. 2:4, pp.15-25: https://doi.org/10.2458/azu_jaei_v02i4_van_der_veen.

VAN DER VEEN, Peter (2012) – “Berlin statue pedestal reliefs 21687 and 21688: ongoing research”. *Journal of Ancient Egyptian Interconnections*. 4:4, pp. 41 e 42.

WOOD, Bryant G. (2005) – “The rise and fall of the 13th century Exodus conquest theory”. *Journal of the Evangelical Theological Society*. 48, pp. 475-489.

WOOD, Bryant G. (2011) – “New evidence supporting the early (biblical) date of the Exodus and Conquest”. *Associates for Biblical Research*, 11 de novembro de 2011.



RádioRCS
91.2 fm



[radiorcs.novotempo.pt/
podcasts/olha-o-que-eu-vi](http://radiorcs.novotempo.pt/podcasts/olha-o-que-eu-vi)

Alegria

Olá, eu sou a Ana, e OLHA O QUE EU VI...

Eu não sei quanto a ti, mas o pôr-do-Sol é algo que me fascina. E isto não é só de agora. Como vivi a infância e parte da juventude a 200 metros da praia, era fácil chegar até ao mar para ver o pôr-do-Sol. Era, sem dúvida alguma, o meu momento favorito do dia, um momento tão bonito, que, ainda por cima, tem bastantes benefícios para a saúde: ajuda a reduzir o stresse, promove a calma e liberta endorfinas, o que favorece a sensação de felicidade e de bem-estar. A exposição à luz solar ajuda também a melhorar a qualidade do nosso sono e é uma forma de passarmos tempo de qualidade com pessoas de quem gostamos, num ambiente descontraído e acolhedor. Acho que podia ficar aqui a dizer mais mil e uma razões por que este continua a ser o meu momento favorito do dia. A verdade é que, ultimamente, raras são as vezes em que consigo desfrutar de um maravilhoso pôr-do-Sol, mas numa dessas ra-

ras ocasiões sentei-me no muro de uma esplanada com vista para o mar e... olha o que eu vi! Vi que, apesar de estar um fim de tarde frio de inverno, havia pessoas que, como eu, estavam ali sentadas para desfrutar daquele tempo de fim de dia. Poucas estavam sozinhas. Havia grupos de amigos sentados na praia, assim como casais e famílias. Comecei a observar uma família em particular, que, a poucos metros de mim, estava a brincar com o seu animal de estimação, usando uma bola. O cachorro corria todo contente para ir buscá-la e regressava vez após vez. A filha mais novinha do casal ria efusivamente enquanto se atirava para a areia à procura de chamar a atenção do cãozinho. Este trazia sempre a bola até ela e ficava lá também a rebolar-se na areia. Num certo momento, a menina e o cão pareciam estar enrolados em toda a areia da praia. A restante família, ao começo, não sabia se ria ou se chorava, mas aca-

baram todos a rir à gargalhada por causa da situação. Dei por mim a divertir-me com os disparates que aqueles dois faziam juntos e a sorrir juntamente com os pais e o irmão mais velho. Revivendo esse momento, penso como o riso daquelas pessoas me contagiou. E, provavelmente, não só a mim. Fico a pensar sobre a experiência da alegria, a sensação de felicidade. É importante sermos alegres? Será que rirmos, brincarmos e sermos alegres muda alguma coisa? Fui espreitar ao *Dicionário*, que define alegria como um sentimento de grande contentamento, que geralmente se manifesta por sinais exteriores. Ora, segundo a internet, a alegria é uma emoção positiva, que se caracteriza, mais uma vez, por uma sensação de contentamento, de prazer e de satisfação. É uma emoção que pode ser experimentada em diferentes situações e por diferentes razões, como, por exemplo, estar com pessoas de quem gostamos, fazer algo de que gostamos ou alcançar um objetivo. Ser alegre pode trazer muitos benefícios para a saúde física e mental. Quando estamos alegres, o nosso corpo liberta endorfinas e outros neurotransmissores que promovem o bem-estar, ajudam a reduzir o stresse e a ansiedade, e podem mesmo melhorar a nossa qualidade de vida e fortalecer os nossos relacionamentos interpessoais. Mas nós nem sempre estamos alegres, não é? Por isso é importante lembrar que a alegria não é uma emoção permanente e que faz parte da experiência humana viver uma grande diversidade de emoções ao longo da vida. Nem precisamos de ir muito longe. Basta ver como tantas vezes o nosso humor varia ao longo de um único dia. Ainda assim, cultivar a alegria e as emoções positi-

vas é, muitas vezes, uma escolha que nos pode ser muito benéfica. Alguns desses benefícios incluem a melhoria do bem-estar emocional, a redução do stresse e da ansiedade, o aumento da criatividade e da motivação, a melhoria do Sistema Imunológico e da saúde física em geral. Em resumo, a alegria é uma emoção importantíssima para o nosso bem-estar global e cultivá-la é muito relevante. Talvez nos aconteça demasiadas vezes perdermos momentos de alegria restauradora só porque não paramos para observar o que acontece à nossa volta, ou, às vezes, só porque estamos tão centrados nas “nossas coisas” que não paramos para “respirar”. Não sei quanto a ti, mas eu, desde que decidi levantar mais a cabeça, em vez de olhar para o chão ou para o vazio, desde que comecei a apreciar mais as pequenas coisas da vida, os detalhes que vão acontecendo ao meu redor, passei a ser uma pessoa mais feliz e a viver mais momentos de genuína alegria. E creio que a alegria é uma atitude que tem impacto também na nossa vida espiritual. Charles Wagner, no início do século XX, disse algo que podia bem ser um lema de vida: “A alegria não está nas coisas, está em nós!” E é tão verdade! Está na forma como vemos e vivemos. Está na forma como sentimos.

Bom, que viagem fiz nos meus pensamentos. O que o simples facto de parar, observar e pensar produz em mim! Tens experimentado isto? Aconselho-te a também o fazeres, porque pode estar aí um segredo para se encontrar alegria nas coisas simples da vida.

Ainda tenho mais coisas para te contar, coisas que eu vi, mas fica para o mês que vem. Até lá, se Deus quiser!



Rúben Fernandes

Entrevistado por Ezequiel Duarte

Rúben Samuel da Silva Fernandes é casado com Sónia Fernandes, tem uma filha, a Sara, e é o nosso convidado para esta entrevista. Nela vamos conhecê-lo um pouco melhor. Tem 45 anos, tem estudos na área da Informática e tem uma Licenciatura em Teologia pela Universidade Andrews. Mas, mais do que isto, tem um longo ministério atrás de si, na sua vida de ancião de igreja e de assistente do Departamento de Mordomia. Mas é por causa do projeto missionário “Ministério Fé e Evidências” que vamos falar com ele.

ED: Olá, Rúben! Obrigado por nos receberes neste estúdio, onde podemos ver “O Grande Conflito”, a série que saiu da tua cabeça. Ela é um projeto plenamente teu e já vamos falar sobre ele. Mas, antes, gostava de conhecer-te um pouco melhor, saber mais da tua infância na Igreja e como é que a tua vida de Igreja te levou a dedicares hoje 100% do teu tempo ao ministério da missão de divulgação da mensagem do Evangelho sob diversas formas.

RF: A minha história na Igreja começou há muitos anos, mesmo antes de eu nascer. Eu sou a terceira geração de Adventistas na minha família, o que é um privilégio. A minha avó batizou-se nos anos 60 do século XX e desde bem pequeno eu sempre me interessei muito pelas atividades da Igreja. Batizei-me aos 12 anos, mas tive uma fase, quando fui para a Faculdade estudar Engenharia Informática, em que talvez me tenha desligado um pouco das atividades da Igreja. No entanto, mais tarde, especialmente depois de conhecer a minha mulher, comecei a ter um papel mais ativo na Igreja. E isso começou a moldar o meu futuro, porque eu não cheguei a terminar os estudos. Fiquei pelo último ano de Engenharia Informática, pois fundei uma empresa na área da Informática que se desenvolveu muito e que ocupou a maior parte do meu tempo. Mas chegou uma altura em que comecei a ter de decidir se dedicava mais tempo ao trabalho secular ou ao ministério.

ED: Mas como é que isso aconteceu? Foi casualidade o facto de a tua empresa se ter desenvolvido tanto? Porque a tua

empresa encontrou um nicho de mercado ou, pelo menos, um mercado que se expandiu bastante em muito pouco tempo. Tratava-se de criar computadores a partir de peças usadas de outros computadores, não é?

RF: É mais ou menos isso. É o mercado dos recondicionados. Nós recolhemos computadores em grandes quantidades, voltamos a pô-los prontos a funcionar e tornamos a introduzi-los no mercado.

ED: Porque é que a tua empresa teve tanto sucesso num curto espaço de tempo?

RF: Éramos os únicos em Portugal a fazer isto. Portanto, inovámos, inventámos um novo nicho de mercado, digamos assim. Os nossos clientes poupavam muito dinheiro usando os nossos produtos. Foi isso que fez expandir muito a empresa. E isso também permitiu o investimento na área do evangelismo. Permitiu termos um estúdio, permitiu outras possibilidades. Deus começou a orientar as coisas para que eu dedicasse mais tempo ao evangelismo, especialmente ao evangelismo *online*, que é a minha paixão.

ED: Porque foi durante esse tempo que tu fizeste também uma Licenciatura em Teologia. Isso é algo, acredito, muito difícil: gerir uma empresa com um volume de faturação enorme e, ao mesmo tempo, fazer uma Licenciatura. Como é que isso foi possível?

RF: Foi uma aventura! Todos os segundos disponíveis eu tinha de estar a fazer alguma coisa. Não podia simplesmente estar parado à espera, nem que fosse no carro, por alguém. Tinha



de aproveitar para estudar, para ler... Aliás, demorei bem mais tempo do que o habitual para concluir o curso. Mas em Andrews temos o privilégio de poder fazer o curso ao nosso ritmo. E isso foi o que me permitiu ter o curso concluído.

ED: Terminaste o curso. Atualmente, como é o teu dia-a-dia? Como é a tua vida? Sei que vendeste a empresa. Já não tens a empresa que criaste. Como é que passas os teus dias?

RF: Ora, por agora estamos focados 100% no projeto “O Grande Conflito”. É o nosso projeto. Nós temos este ano muitas semanas de gravações pela frente, muitas viagens. E depois também tenho o Ministério da Pregação. Quase todos os fins de semana ou, pelo menos, dois terços dos fins de semana, estou em viagem missionária. Aqui em Portugal ou noutros países. E isso tem feito com que eu esteja praticamente 100% dedicado neste momento ao evangelismo.

ED: Então explica-nos o projeto “O Grande Conflito”. Já o conhecemos, tem estado no ar na TV Novo Tempo, aqui em

Portugal. Como é que surgiu esta ideia de filmar nos lugares históricos, o que é algo tão complexo e tão difícil, por questões financeiras, e não só? Como é que surgiu esta tua ideia de criar isto?

RF: Foi a junção de várias coincidências. A primeira coincidência foi há 11 anos. Eu estava a fazer um programa para a igreja de Espinho e um jovem disse-me que se ia fazer alguma coisa relacionada com o Grande Conflito. Aquilo ficou a processar-se na minha mente, durante vários anos. Acontece também que houve um valor financeiro extra que nós, como família, decidimos dedicar ao evangelismo.

ED: Ou seja, isto é um projeto familiar...

RF: Sim. Esse dinheiro era para um determinado projeto que acabou por não existir e o dinheiro ficou algum tempo parado. Até que surgiu a ideia de fazer algo relacionado com a história do Cristianismo, mostrar o que realmente aconteceu no passado, não apenas focando o livro *O Grande Conflito*, mas contando a História no mesmo alinhamento. Este projeto começou a crescer e surgiu então a ideia de pegarmos no valor que tínhamos posto de parte,



aplicarmos neste projeto e fazer disto um projeto evangélico. Eu acredito que o mundo precisa de conhecer a verdadeira história da Igreja Cristã. Quais foram os aspetos que foram escondidos ao longo da História e que foram redescobertos, por exemplo, pela Reforma. Acho que isso é muito importante para as pessoas perceberem que há algo por trás do conhecimento bíblico atual que nós temos. Queríamos explicar tudo o que aconteceu e por que razão muita gente não tinha sequer acesso à Bíblia. Por isso, decidimos fazer algo que pudesse ser apelativo ou atrativo e que pudesse ser também uma ferramenta missionária. Assim, nós vamos aos locais filmar para mostrar às pessoas onde realmente aconteceu a História, para dar mais vida ao projeto.

ED: Então, para quem nunca viu, podemos chamar-lhe uma série documental? No que consiste? O que vai encontrar quem quiser ver a série?

RF: Na primeira temporada, isto é, nos oito primeiros episódios, que correspondem aos oito primeiros capítulos do livro *O Grande Conflito*, estamos a falar da história do Cristianismo desde

o primeiro século. O primeiro episódio foca-se na destruição de Jerusalém e no início do Cristianismo, sendo que, depois, percorre os séculos da perseguição por parte do Império Romano. Em seguida, aborda-se a mudança que houve desde Constantino, desde que a Igreja Cristã foi adotada como a Religião oficial. Depois, vamos focar-nos no surgimento da Reforma. Inicialmente, a pré-Reforma com os Valdenses e, seguidamente, percorrendo os séculos até chegarmos a Martinho Lutero. Paramos aqui, na primeira temporada. A segunda temporada irá continuar a partir daqui, até nos focarmos, na última temporada, no que a Bíblia diz que irá acontecer no futuro.

ED: Quantas pessoas estão envolvidas? Tens ideia disto?

RF: A equipa de filmagem é composta por sete pessoas. Temos também vários *freelancers* que nos ajudam. Nomeadamente, um jovem que nos faz a banda sonora; outro que nos faz os grafismos; e outro que nos faz as animações. Ao todo, são mais quatro pessoas adicionais, além da nossa equipa. Por fim, temos os especialistas.



ED: Alguns vão com vocês aos lugares, outros já lá estão e vocês encontram-nos lá para eles mostrarem e explicarem o que é que existe de significativo naquele lugar.

RF: Exatamente! Temos procurado pessoas que estejam por dentro dos locais ou dos eventos, para que possam dar uma profundidade maior às histórias ou ao que nós estamos a relatar em cada episódio.

ED: Que especialistas é que vocês têm tido? Queres nomear alguns?

RF: Nós começámos em Jerusalém com uma especialista, a Aline. Ela é muito conhecida, especialmente *online*, pelos vídeos que faz sobre Jerusalém, sobre Israel, sobre a história do Cristianismo, sobre a história bíblica. Ela foi a primeira especialista que tivemos. Mas depois, a partir daí, temos vários teólogos, temos também pessoas que trabalham em museus e que nos podem dar mais informações sobre os objetos ou sobre os locais. Assim, temos várias pessoas diferentes. Quando é um aspeto mais teológico, temos especialistas em Teologia. Quando é um aspeto mais histórico, temos especialistas em História. E vamos ter muitas pessoas de vários Continentes a ajudar-nos nesta aventura.

ED: Rúben, para terminarmos, quais são os projetos que tens e que podes revelar? Que sonhos tens que ainda não concretizaste, mas que gostavas de realizar um dia?

RF: Vendo a potencialidade que este projeto poderá ter, a minha mente começa a pensar no futuro. E vejo, por exemplo, livros como *O Desejado de Todas as Nações*, o *Atos dos Apóstolos* ou *Patriarcas e Profetas*, que, neste contexto, serão livros que teriam uma dimensão extraordinária. Por isso, quem sabe, se for da vontade de Deus, um dia serão projetos que poderemos abraçar.

ED: Rúben, muito obrigado por nos teres recebido aqui. Que Deus continue a abençoar este projeto. Todos aqueles que estão a ler esta entrevista podem acompanhar esta série documental, “O Grande Conflito”, criada pelo Ministério Fé e Evidências, na TV Novo Tempo Portugal (canal 186 da MEO), que, em breve, ficará disponível também no YouTube da Novo Tempo Portugal.



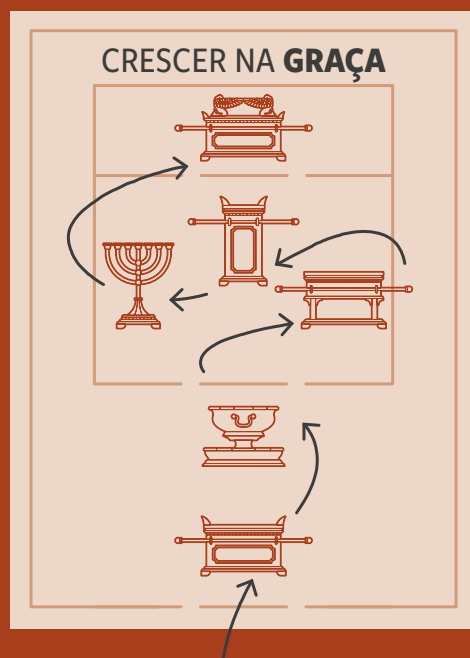
ENTREVISTA COMPLETA:

[www.revistaadventista.pt/
jornadas-de-fe](http://www.revistaadventista.pt/jornadas-de-fe)

Cristo, o único meio de chegar à presença de Deus (Parte II)

No artigo do mês passado dissemos que a porta de acesso ao pátio do santuário representava Cristo. Depois, ao continuarmos a caminhada rumo à presença de Deus, o primeiro móvel que encontramos é o “altar dos holocaustos”. Os sacerdotes, antes de terem acesso à presença de Deus, tinham um caminho a percorrer. Era absolutamente indispensável preencherem algumas condições para se aproximarem do Santo de Israel. Não era uma exigência caprichosa ou prepotente da parte de Deus, mas, sim, uma medida de proteção para o pecador, para que este pudesse relacionar-se com a Divindade.

A Sagrada Escritura diz-nos que “o nosso Deus é um fogo consumidor” (Hebreus 12:29). No Monte Sinai, o povo de Israel vivenciou essa experiência: “E o parecer da glória do Se-



nhor era como um fogo consumidor no cume do monte, aos olhos dos filhos de Israel” (Êxodo 24:17). O que significam estas palavras? Numa linguagem simples, diria que o nosso Deus é tão Santo, tão Imaculado, que, se não houver uma proteção especial, tudo o que está manchado pelo pecado será consumido pela glória da Sua presença. A determinado momento, quando a rebeldia de Israel se tornou persistente até ao ponto de fazerem para si um bezerro de ouro, rejeitando, assim, as orientações do Senhor, Deus disse a Moisés: “E enviarei um anjo diante de ti (e lançarei fora os Cananeus, e os Amorreus, e os Heteus, e os Ferezeus, e os Heveus, e os Jebuseus), a uma terra que mana leite e mel; porque eu não subirei no meio de ti, porquanto és povo obstinado, para que te não consuma eu no caminho” (Êxodo 33:2 e 3).



Não aceitando essa “proteção” que Deus lhes oferecia, o povo de Israel corria o risco de ser consumido, se Deus Se mantivesse na sua presença. Este afastamento de Deus era verdadeiramente um ato de amor. Mas o profeta Isaías apresenta-nos o resto do *puzzle* que Moisés deixou por completar. Leiaamos com reverência estas solenes declarações do nosso Senhor: *“Por um breve momento te deixei, mas com grande misericórdia te recolherei. Em grande ira, escondi a minha face de ti por um momento, mas com benignidade eterna me compadecerei de ti, diz o Senhor, o teu Redentor”* (Isaías 54:6 e 7).

O altar dos holocaustos vai dar-nos a conhecer essa bondosa proteção: o Cordeiro de Deus. Essa proteção é concedida a toda a Humanidade, mas só beneficiará da mesma, na totalidade, quem a aceitar na sua vida pessoal. O que significa ser protegido pelo Messias Redentor? É justamente neste ponto que Satanás envidará todos os esforços para nos manter afastados da bênção. Deus tornou a salvação tão simples que é difícil acreditar nela como Ele nos propõe. A semelhança divina é

um outro patamar. Apesar de ambas, a salvação e a semelhança divina, estarem incluídas no Plano da Salvação como um todo, são duas experiências diferentes. Estão dependentes uma da outra, mas nunca poderemos esquecer que a salvação vem antes da obediência.¹ Deus, na Sua infinita sabedoria, colocou o altar dos holocaustos logo no princípio, como o primeiro móvel na nossa caminhada até à Sua presença. O apóstolo Paulo aborda este aspecto com grande clareza, ao dizer: *“Mas Deus prova o seu amor para conosco, em que Cristo morreu por nós, sendo nós ainda pecadores”* (Romanos 5:8). Ellen G. White compreendeu esta realidade e expressou-a da seguinte forma: *“O apóstolo desejava que aqueles a quem estava a escrever se lembrassem de que deviam revelar na sua vida a gloriosa mudança efetuada neles pela transformadora graça de Cristo.”*² É a graça de Cristo que, se for bem-compreendida, irá operar a mudança, a transformação até à semelhança divina. Esta experiência deverá ser dinâmica e em crescendo, à medida que o Homem conhecer melhor a sua condição e a missão salvadora do Mes-

sias. *“A parte que se requer que o Homem suporte é imensuravelmente pequena, mas, no plano de Deus, é justamente a parte necessária para que a obra seja um sucesso.”*»

A parte do Homem é pequena porque a sua salvação é responsabilidade de Deus, conforme vimos nos artigos de fevereiro e março. A parte mais difícil, que o Homem não tinha condições nenhuma de empreender, foi realizada por Deus. Para efeitos de salvação, ao Homem cabem duas tarefas “menores”: *reconhecer a sua condição e aceitar com profunda gratidão a oferta de Deus.* São efetivamente menores comparando com a parte de Deus nesse Plano da Salvação, mas, para o ser humano, são de uma complexidade difícil de compreender. Não estamos habituados a ter nada de graça. Tudo o que queremos obter depende de algum tipo de esforço. Com a proposta de Deus é diferente. *O meu grande anseio pela semelhança divina vai depender muito dessas duas supracitadas tarefas: o reconhecimento da*

**O meu grande anseio
pela semelhança
divina vai depender
muito de duas tarefas:
o reconhecimento
da minha miserável
condição e a
aceitação da morte
substituente de Cristo.**

minha miserável condição e a aceitação da morte substituente de Cristo. Quanto melhor eu as cumprir, mais desejoso vou estar de representar bem o meu Deus, no meu lar, no meu trabalho, na minha igreja e na Sociedade em geral.

Estas duas tarefas estão representadas no “altar dos holocaustos”. São elas a confissão e o sacrifício do Cordeiro. Hoje também, para irmos à presença de Deus, pela fé, não podemos ignorar a simbologia deste móvel e termos de apoderar-nos do seu significado. Se tentarmos ir à Sua presença sem estes pressupostos, até podemos pensar que estamos na Sua presença, mas efetivamente não estamos. Mas não existe razão para desanimar, porque a bondade e a misericórdia de Deus nos têm sustido, assim como sustentaram os apóstolos, que, apesar das suas limitações, foram usados ao Seu serviço, mesmo quando estavam em ignorância. Como sabemos, essa compreensão da verdadeira missão de Jesus só aconteceu após a Sua ressurreição. É aqui que começa a sutileza dos enganos do inimigo do Salvador. Satanás sabe que cada alma salva é um troféu arrancado das suas mãos, por isso fará todos os esforços para impedir esse resgate, ainda que seja por uma compreensão deficiente da salvação em Cristo.

Todos os sacrifícios aqui realizados eram um tipo da morte de Cristo. O pecador, em profunda gratidão por este dom de Deus, tinha um processo a seguir. Depois de aceitar o arrependimento dado por Deus reconhecendo o seu pecado, tinha de confessar os seus erros, colocando as mãos sobre a cabeça do cordeiro. Havia aqui um simbolis-

mo soberbo. *Ao reconhecermos e confessarmos o pecado, estamos, simbolicamente, a transferir o nosso pecado para o Cordeiro de Deus. Se o fizermos, aceitando a morte de Cristo no nosso lugar, ficamos limpos do pecado e podemos, com toda a confiança (Hebreus 4:16) e mesmo ousadia (Hebreus 10:19), entrar no Santo dos Santos e reclamar as promessas e bênçãos do nosso Grandioso Deus.* Mas, se não confessarmos os pecados, não há transferência, o que significa que permanecemos com o pecado nos nossos registros. A gravidade desta situação é que, se estivermos com o pecado, não poderemos ser escutados por Deus, conforme as palavras do Senhor através do profeta Isaías: *“Mas as vossas iniquidades fazem divisão entre vós e o vosso Deus, e os vossos pecados encobrem o seu rosto de vós, para que vos não ouça”* (Isaías 59:2). Este é um assunto soleníssimo e que merece uma profunda reflexão de cada crente, individualmente.

Querido Leitor, pense comigo: Deus ordenou a Moisés que fizesse o santuário exatamente de acordo com o modelo que lhe tinha sido mostrado no Monte (Êxodo 25:40). Moisés levou a peito esta indicação do Senhor:

Ao reconhecermos e confessarmos o pecado, estamos, simbolicamente, a transferir o nosso pecado para o Cordeiro de Deus.

só abençoou os construtores do santuário depois de ter confirmado que eles tinham feito tudo de acordo com as instruções dadas (Êxodo 39:43). Havia uma razão óbvia: Deus não queria que ninguém se enganasse. O caminho para a salvação era apenas um, aquele indicado por Deus. De acordo com este modelo, a salvação vem antes da obediência. Se alguém quiser reclamar, reclame junto de Deus, porque foi o Santo e Poderoso Deus que deu essas instruções. Logo que o pecador aceita esta maravilhosa oferta, pode seguir até à presença do Salvador e contemplar o Seu caráter. Quando começarmos a compreender Quem é esse Senhor, mais iremos ver as nossas imperfeições, mas também mais iremos ver o Seu grande amor. Sim, só apreciaremos o amor de Deus quando percebermos que, apesar das nossas fraquezas, somos grandemente amados e procurados por esse Senhor que deseja mais a nossa salvação do que nós próprios.

A certeza dessa bondade, bem acarinhada dentro do nosso coração, vai levar-nos a amarmos ainda mais esse Grandioso Deus e a ambicionarmos ser como Ele é. Mesmo que amarrados por alguns laços de pecado que ainda não conseguimos desatar, vamos começar a detestá-los de uma forma cada vez mais acentuada. Esta atitude vai conduzir-nos a uma humilhação sincera diante de Deus, a amá-I'O pela Sua enormíssima e perseverante paciência connosco. Então, a pouco e pouco, o Senhor desatará esses laços e, pela Sua graça, começará a operar a mudança em nós, à Sua semelhança. Vamos contemplar essa transformação sem qualquer



autoimposição, para que a glória seja totalmente atribuída ao nosso Deus.

“Quanto mais nos aproximarmos de Jesus, mais faltosos nos acharemos aos nossos próprios olhos; pois a nossa visão será mais clara, e as nossas imperfeições serão mais vistas em largo e distinto contraste com a Sua natureza perfeita. Isto é evidência de que os enganos de Satanás perderam o seu poder; de que a influência vivificadora do Espírito de Deus nos está a despertar.”²⁴

Assim, o vermos erros em nós não é propriamente negativo, antes pelo contrário, é um sinal de que o Espírito Santo está a trabalhar no nosso coração, para depois nos conduzir à solução, que é Cristo. O Salmista David, pela sua experiência de pecado e pela conversa que teve com Natã, compreendeu que esconder os erros não é a melhor solução, porque lhe roubou a paz e a alegria de viver. Por isso, teve a ousadia de lançar este pedido ao Senhor: *“Sonda-me, ó Deus, e conhece o meu coração; prova-me, e conhece os meus pensamentos. E vê se há em mim algum caminho mau, e guia-me pelo caminho eterno”* (Salmo 139:23 e 24). *“Ele dá as boas-vindas ao escrutínio divino*

como meio de poder remover da sua vida qualquer coisa que perturbe a sua relação com Deus.”²⁵

Esta é a maior batalha que podemos travar, porque, apesar de ser uma boa notícia, fomos ensinados, com a melhor das intenções, a acreditar que merecemos o favor de Deus, se formos “bons”. Também vai ser muito doloroso, porque vamos sentir que, mesmo querendo muito a transformação do nosso caráter, a mudança vai ser muito lenta e gradual. A resposta que Deus deu a Paulo – *“A minha graça te basta”* (II Coríntios 12:9) – vai incomodar-nos muito, mas será o meio que Deus usa para compreendermos que somos fracos, indignos, levando-nos assim a necessitar desesperadamente do Salvador.

O inimigo irá provocar-nos com subtis deslizes para depois aproveitar para assinalar a nossa miséria e a nossa indignidade de comparecermos diante do Deus Santo. Não devemos desanimar, mas, ainda que pareça um paradoxo, devemos alegrar-nos, porque, como disse anteriormente, isso é um sinal de que o Espírito Santo está a trabalhar em nós, pois a Sua primeira função é “convencer-nos do pecado” (João



16:8). É verdade que é duro constatar a nossa condição pecaminosa, mas é um passo importantíssimo para que as outras duas maravilhosas funções, que são complementares e fazem parte do pacote apresentado por Cristo, possam atingir o seu clímax. O Espírito Santo não mostra apenas o pecado, mas vai convencer-nos da Justiça e do Juízo. O que significam estas funções?

Primeiro, depois de nos mostrar a nossa pequenez, o Espírito Santo também nos tranquiliza, dizendo: “Não desesperem, há solução: Cristo. Ele é a vossa Justiça.” O profeta Jeremias afirma essa realidade, ao dizer: “*Nos seus dias Judá será salvo, e Israel habitará seguro; e este será o seu nome, com o qual Deus o chamará: O SENHOR JUSTIÇA NOSSA*” (Jeremias 23:6). E no versículo 9 de João 16, Jesus explica o que queria dizer ao afirmar que o Espírito vem convencer-nos do pecado: “*Do pecado, porque não creem em mim.*” O *Comentário Bíblico Adventista* comenta este versículo da seguinte forma: “*Deus providenciou apenas um meio de salvação (Atos 4:12 e I Coríntios 3:11), nomeadamente, fé em Jesus Cristo*

(João 3:16, 18, 36). Aqueles que são iluminados, como os Judeus foram, não têm desculpa quando se recusam a acreditar n’Aquele que Deus enviou ao mundo.”⁶⁶ Esta é a segunda função do Espírito Santo, encaminhar-nos para Cristo, a nossa Justiça. Só Ele é a solução, por causa da Sua morte substituinte.

A terceira função é um complemento extraordinário da segunda: “*Convencer-nos do Juízo.*” Sim, o Espírito diz-nos que ainda há tempo, que Jesus é o nosso Sumo-Sacerdote e que ainda está à nossa espera para, mediante o reconhecimento das nossas faltas, apresentar a Sua Justiça em nosso favor. Há uma certeza que todos devemos acalentar: mesmo que ainda não consigamos representar bem o caráter de Deus por causa da nossa fragilidade humana, enquanto diária e conscientemente reconhecermos essa indignidade e reclamarmos a Justiça do Senhor Jesus, nada nos afastará da presença de Deus.

O exemplo de David ilustra estas verdades atrás descritas. Em I Reis 15:1 a 6, o escriba, no cumprimento da sua missão de relatar a história de Israel, apresenta o reinado de Abias, o segun-

do rei de Judá, após a fragmentação do reino de Israel em dois. Abias era filho de Roboão, o qual tinha sido um rei que se tinha apartado dos caminhos do Senhor. Ao relatar o reinado de Abias, o escriba diz: “E reinou três anos em Jerusalém; e era o nome de sua mãe Maaca, filha de Absalão. E andou em todos os pecados que seu pai tinha cometido antes dele; e o seu coração não foi perfeito para com o Senhor seu Deus como o coração de Davíd, seu pai. [...] Porquanto Davíd tinha feito o que era reto aos olhos do Senhor, e não se tinha desviado de tudo quanto lhe ordenara em todos os dias da sua vida, senão só no negócio de Urias, o heteu.” O escriba diz que o coração de David tinha sido perfeito, porque tinha sido perfeito para com o Senhor, sem nunca se ter desviado dos Seus caminhos em toda a sua vida. Mas depois acrescenta: “*exceto no caso de Urias.*” Iria parecer mal, se o escriba não dissesse isto, porque toda a gente conhecia o caso. Mas, ao mencionar isto, estava ele a ser justo? David só errou neste caso? Certamente o escriba tinha receio de ser criticado por não dizer a verdade, mas estava a desvirtuar o testemunho do próprio Deus.

No capítulo anterior (14:6-8) é Deus que diz ao profeta Aías o que é que ele deve dizer à mulher do rei Jeroboão, que o foi consultar, a seu pedido: “E sucedeu que, ouvindo Aías o ruído de seus pés, entrando ela pela porta, disse-lhe ele: *Entra, mulher de Jeroboão; porque te disfarças assim? Pois eu sou enviado a ti com duras novas. Vai, e diz a Jeroboão: Assim diz o Senhor Deus de Israel: Porquanto te levantei do meio do povo, e te pus por príncipe sobre o meu povo de Israel, E rasguei o reino da casa de Davíd, e o dei*

a ti, e tu não foste como o meu servo Davíd, que guardou os meus mandamentos e que andou após mim com todo o seu coração para fazer somente o que era reto aos meus olhos.” Gostaria de salientar dois aspetos deste texto. Primeiro, há um “Assim diz o Senhor”. Quer dizer que o profeta vai dizer o que o Senhor disse. O segundo aspeto é o testemunho do Senhor. O que Deus diz é que David “guardou os Meus mandamentos e que andou após Mim com todo o seu coração para fazer somente o que era reto aos Meus olhos”. Reparem que Deus nem menciona o caso de Urias. Ele apenas diz que David fez somente o que era reto aos olhos de Deus. Não temos coragem de dizer que Deus não estava a ser justo no Seu testemunho. Mas a verdade é que estava a ser completamente Justo. Porquê? Porque Deus é fiel e cumpre as Suas promessas, que são muitas: “*Não nos tratou segundo os nossos pecados, nem nos recompensou segundo as nossas iniquidades*” (Salmo 103:10). “*Tu lançarás todos os seus pecados nas profundezas do mar*” (Miqueias 7:19). “*Porque lhes perdoarei a sua maldade, e nunca mais me lembrarei dos seus pecados*” (Jeremias 31:34). “*Eis que foi para a minha paz que tive grande amargura, mas a ti agradou livrar a minha alma da cova da corrupção; porque lançaste para trás das tuas costas todos os meus pecados*” (Isaías 38:17).

É verdade que David era um pecador “profissional”, como eu e como qualquer um de nós. Mas David humilhava-se, confessava, pedia o perdão e a força para a mudança. Notemos algumas dessas confissões nos Salmos. Ele não teve receio de as deixar escritas, mesmo sabendo que outros iriam ler as

A humilhação sincera e a aceitação de Cristo como o nosso Substituto dão-nos o privilégio de podermos estar na presença do Senhor. Aí podemos reclamar o seu poder para as vitórias ao longo do dia, pois o nosso desejo será igual ao de David: “Cria, ó Deus, em mim um coração puro e renova em mim um espírito reto.”

suas misérias: “*Tem misericórdia de mim, Senhor, porque sou fraco*” (Salmo 6:2). “*Por amor do teu nome, Senhor, perdoa a minha iniquidade, pois é grande*” (Salmo 25:11). “*Não há paz nos meus ossos, por causa do meu pecado. Pois já as minhas iniquidades ultrapassam a minha cabeça; como carga pesada são de mais para as minhas forças. [...] Estou fraco e mui quebrantado; tenho rugido pela inquietação do meu coração*” (Salmo 38:3-8). “*Porque males sem número me têm rodeado; as minhas iniquidades me prenderam de modo que não posso olhar para cima. São mais numerosas do que os cabelos da minha cabeça; assim desfalece o meu coração*” (Salmo 40:12). “*Tem misericórdia de mim, ó Deus, segundo a tua benignidade; apaga as minhas transgressões, segundo a multidão das tuas misericórdias. Lava-me completamente da minha iniquidade, e purifica-me do meu pecado. Porque eu conheço as minhas transgressões, e o meu pecado está sempre diante de mim. Contra ti, contra ti somente pequei, e fiz o que é mal à tua vista, para que sejas justificado quando falares, e puro quando julgares.*”

[...] *Cria em mim, ó Deus, um coração puro, e renova em mim um espírito reto. Não me lances fora da tua presença, e não retires de mim o teu Espírito Santo. Torna a dar-me a alegria da tua salvação, e sustém-me com um espírito voluntário*” (Salmo 51:1-12).

Perante esta abertura e esta humilhação sincera diante de Deus, com o verdadeiro desejo de uma mudança, Deus foi justo em dizer que David fez sempre o que era reto, porque lhe tinha perdoado os seus pecados e deles não se lembrava mais.

É por isso que a simbologia do altar dos holocaustos é ainda importante para nós, hoje. Deve ser o início da nossa caminhada para junto de Deus ao começarmos cada dia. A humilhação sincera e a aceitação de Cristo como o nosso Substituto dão-nos o privilégio de podermos estar na presença do Senhor. Aí podemos reclamar o seu poder para as vitórias ao longo do dia, pois o nosso desejo será igual ao de David: “*Cria, ó Deus, em mim um coração puro e renova em mim um espírito reto.*”

1
José Sílvio Ferreira, *Cristo nossa Salvação*, Editora ADOS, 2006, p. 22.

2
Ellen G. White, *A Maravilhosa Graça de Deus*, 7 de novembro, p. 313, ed. P. SerVir.

3
Ellen G. White, *A Maravilhosa Graça de Deus*, 7 de novembro, p. 313, ed. P. SerVir.

4
Ellen G. White, *Aos Pés de Cristo*, pp. 66 e 67, ed. P. SerVir.

5
Manual de Estudo da Escola Sabatina, 1º Trimestre de 2024, Lição 4, domingo.

6
SDABC, Vol. 5, p. 1048.



Conceição Lagoa

Diretora-Associada da Área da Família da
UPASD para os Ministérios da Criança

Abraão

“ORA o Senhor disse a Abrão: Sai-te da tua terra, e da tua parentela, e da casa de teu pai, para a terra que eu te mostrarei. Far-te-ei uma grande nação, e abençoar-te-ei, e engrandecerei o teu nome; e tu serás uma bênção” (Gênesis 12:1 e 2).

Olá, amiguinho! Gostaria de partilhar contigo algumas reflexões inspiradas na vida de **Abraão**, um homem cuja história é um **exemplo de fé**.

Abraão era honesto, generoso e gostava de receber bem as pessoas. Ele era como um príncipe entre os seus servos, amigos e vizinhos, e as pessoas respeitavam-no porque exercia a autoridade com sabedoria e ternura, e, assim, conquistava o coração de todos. Era **reverente, amava e obedecia a Deus**. Abraão ensinou aos da sua casa, que eram mais de mil pessoas, a obedecerem a Deus e dava poder aos seus ensinamentos através do seu exemplo de vida.

Amiguinho, após o Dilúvio, a população voltou a crescer e a maldade aumentou. Então, Deus disse a Abraão para deixar o conforto e a segurança do seu lar, e os seus parentes, e ir viver para uma terra que ele não conhecia. **Ele obedeceu!**

Certo dia, o Senhor apareceu a Abraão e prometeu-lhe que a sua **descendência seria numerosa como as estrelas do céu**. Disse-lhe ainda que ele e a sua esposa, **Sara**, teriam um filho. Mas, infelizmente, eles não esperaram o cumprimento da promessa e, como Sara já tinha muita idade, quiseram dar uma ajudinha a Deus. Então, Abraão tomou como sua concubina a serva de Sara, Agar, para ela lhe dar um filho. Se tivessem confiado em Deus, nunca teriam agido desta forma e não teriam trazido tristeza e sofrimento para a sua vida.

Mas com a história de Abraão aprendemos que, por vezes, fazemos escolhas erradas e colhemos as consequências. Mas como **Abraão foi perdoado**, Deus também está disposto a perdoar-nos e a dar-nos uma **nova oportunidade**.

Abraão é um **belo exemplo de hospitalidade**. Num certo dia de verão, na hora de maior calor, Abraão estava sentado à por-



Três anjos visitam Abraão...



ta da tenda, a olhar a paisagem, e viu **três viajantes**. Então levantou-se e foi ter com eles. De seguida, deu-lhes água para lavarem os pés e, enquanto os viajantes descansavam à sombra dos carvalhais de Manre, mandou preparar uma refeição para eles.

Amiguinho, esses três viajantes cansados eram o **Filho de Deus** e **dois anjos**. Abraão teve o grande privilégio de falar com Cristo e de interceder pelo seu sobrinho Ló e pelos habitantes de Sodoma. Nós também podemos ser generosos com os outros!

Depois de uma longa espera, a promessa foi cumprida. **Isaque** nasceu e Abraão e Sara ficaram muito felizes. As promessas de

Deus são verdadeiras e devemos confiar nelas. Mesmo que pareça impossível ou demore um pouco mais, **confia, porque Deus cumpre sempre o que promete**.

Deus tinha chamado Abraão e a sua vida devia ser um exemplo de fé para todas as gerações. Mas a sua fé não tinha sido perfeita e, por isso, Deus queria prová-lo. Numa visão, disse: "Toma agora o teu filho... e oferece-o ali em holocausto" (Gênesis 22:2). Então, Abraão viajou durante três dias até Moriá.

A certa altura, Abraão pegou na lenha que os seus servos traziam e colocou-a sobre os ombros do filho. Também pegou o fogo e o cutelo. Abraão estava pronto para cumprir a difícil missão dada por Deus. O seu filho Isaque perguntou: "Meu pai! Eis aqui o fogo e a lenha, mas onde está o cordeiro para o holocausto?" E disse Abraão: "Deus proverá para si o cordeiro" (Gênesis 22:7 e 8).

Quando chegaram, Abraão construiu o altar, colocou a lenha e comunicou a Isaque a ordem de Deus de oferecê-lo em holocausto. Com a voz a tremer repetiu ao seu filho a promessa de que Deus faria de Isaque uma grande nação. Ele acreditava que, se Isaque fosse sacrificado naquele altar, Deus ia cumprir a Sua promessa e

Nasce Isaque, o filho da promessa.



podia ressuscitá-lo dos mortos, pelo que o seu filho viveria de novo. Isaque, quando ouviu o que o seu pai lhe disse, ficou espantado e cheio de medo, mas sentiu-se honrado em dar a sua vida como oferta a Deus.

Amiguinho, posso ver o abraço entre o pai e o seu filho, e ouvir as suas últimas declarações de amor um pelo outro, enquanto ambos choravam. Imagino a dor que Abraão sentiu. Isaque era tudo para ele!

Isaque deixou que o seu pai o amarrasse sobre a lenha do altar. Abraão levantou o cutelo para matar Isaque, mas o seu braço ficou parado quando o Anjo de Deus, que os tinha acompanhado durante todo o caminho até àquele momento, o chamou desde o Céu e disse: “Abraão, Abraão! Não estendas a tua mão sobre o moço, e não lhe faças nada; porquanto agora sei que temes a Deus, e não me negaste o teu filho, o teu único” (Génesis 22:11 e 12).

Quando Abraão levantou os seus olhos, viu um **cordeiro** e ofereceu-o em sacrifício no lugar do seu filho. **Esse cordeiro representava Jesus**, que viria a este mundo para morrer na cruz no nosso lugar. Esse local, onde Abraão construiu o altar para oferecer o seu filho, foi escolhido para Salomão construir o Templo ao Senhor.

Amiguinho, que Deus te ajude a seres um jovem **generoso, obediente** e a teres uma **fé como a de Abraão**. Confia sempre nas promessas de Deus.

Abraão foi chamado o amigo de Deus. E tu? Também queres fazer de Deus o teu melhor Amigo?

PENSAMENTO SOBRE ABRAÃO

“O Senhor comunicou a Sua vontade a **Abraão** mediante os **anjos**. **Cristo** apareceu diante dele e deu-lhe um distinto conhecimento dos requisitos da lei moral e da grande **salvação** que seria levada a cabo por **Seu intermédio**.” – *Review and Herald*, 29 de abril de 1875.



Pai, temos o fogo e a lenha para o sacrifício, mas onde está o cordeiro?

Deus proverá o cordeiro, meu filho!



Eis-me aqui.

Abraão, Abraão!

Não levantes a mão contra o menino. Agora sei que me amas e me respeitas, a ponto de não me negares o teu querido filho. Vou abençoar-te muito, e multiplicar os teus descendentes como as estrelas no céu e as areias do mar.

LÊ ESTA HISTÓRIA EM GÊNESIS 12 A 22.

Abraão ficou conhecido como o Pai da fé, pois colocou-se incondicionalmente nas mãos de Deus. Da sua descendência nasceu Jesus.



ESPÍRITO DE PROFECIA

Ellen G. White | Mensageira do Senhor

A herança dos santos

O receio de fazer com que a herança futura pareça demasiado material tem levado muitos a espiritualizar as mesmas verdades que nos levam a considerá-la como o nosso lar. Cristo afirmou aos Seus discípulos ter ido preparar moradas para eles na casa do Seu Pai. Os que aceitam os ensinamentos da Palavra de Deus não serão totalmente ignorantes sobre a morada celestial. E, contudo, “as coisas que o olho não viu, e o ouvido não ouviu, e não subiram ao coração do homem, são as que Deus preparou para os que o amam” (I Coríntios 2:9). A linguagem humana não é adequada para descrever a recompensa dos justos. Será conhecida apenas dos que a contemplarem. Nenhum espírito finito pode compreender a glória do Paraíso de Deus.

Na Bíblia, à herança dos salvos chama-se um País ou uma Pátria (Hebreus 11:14-16). Ali, o Pastor celestial conduz o Seu rebanho às fontes de águas vivas. A árvore da vida produz o seu fruto de mês em mês, e as folhas da árvore são para a saúde das nações. Existem torrentes sem-

pre a fluir, claras como cristal, e, ao lado delas, árvores ondulantes projetam a sua sombra sobre as veredas preparadas para os resgatados do Senhor. Ali, as extensas planícies crescem em colinas de beleza, e as montanhas de Deus erguem os seus altivos píncaros. Nessas pacíficas planícies, ao lado daquelas correntes vivas, o povo de Deus, durante tanto tempo peregrino e errante, encontrará um lar.

“O meu povo habitará em moradas de paz, em moradas bem seguras, e em lugares quietos e tranquilos” (Isaías 32:18, ARA). “Nunca mais se ouvirá de violência na tua terra, de desolação ou destruição nos teus termos; mas aos teus muros chamarás Salvação, e às tuas portas Louvor” (Isaías 60:18). “Edificação de casas, e nelas habitarão; plantarão vinhas e comerão o seu fruto. Não edificarão para que outros habitem; não plantarão para que outros comam; ... os meus eleitos desfrutarão de todo as obras das suas próprias mãos” (Isaías 65:21 e 22, ARA).

Ali, “o deserto e os lugares secos se alegrarão; e o ermo exultará e florescerá

como a rosa” (Isaías 35:1). “Em lugar do espinheiro crescerá o cipreste, e em lugar da sarça crescerá a murta” (Isaías 55:13, ARA). “O lobo habitará com o cordeiro, e o leopardo se deitará junto ao cabrito, ... e um pequenino os guiará” (Isaías 11:6, ARA). “Não se fará mal nem dano algum em todo o meu santo monte”, diz o Senhor (Isaías 11:9, ARA).

A dor não pode existir na atmosfera do Céu. Ali, não haverá mais lágrimas, cortejos fúnebres, manifestações de pesar. “Não haverá mais morte, nem pranto, nem clamor, ... porque já as primeiras coisas são passadas” (Apoc. 21:4). “Nenhum morador dirá: Estou doente; porque ao povo que habita nela perdoar-se-lhe-á a sua iniquidade” (Isaías 33:24, ARA).

Ali, está a Nova Jerusalém, a capital da nova Terra glorificada, como “uma coroa de glória na mão do Senhor e um diadema real na mão do teu Deus” (Isa. 62:3). “Tinha o esplendor de Deus e brilhava como uma pedra preciosa, parecida com jaspe e clara como cristal. ... As nações hão de caminhar à luz daquela cidade. Os reis da terra hão de levar-lhe as suas riquezas” (Apoc. 21:11, 24, BBN). Diz o Senhor: “Folgarei em Jerusalém, e exultarei no meu povo” (Isaías 65:19). “Eis aqui o tabernáculo de Deus com os homens, pois com eles habitará, e eles serão o seu povo, e o próprio Deus estará com eles e será o seu Deus” (Apoc. 21:3).

Na cidade de Deus “não haverá noite”. Ninguém necessitará ou desejará repouso. Não haverá cansaço em fazer a vontade de Deus e em oferecer louvor ao Seu nome. Sentiremos sempre a frescura da manhã, e estaremos sempre longe do seu termo. “Não necessitarão de lâmpada nem da luz do sol, porque o Senhor

A luz do Sol será excedida por um brilho que não é ofuscante e, contudo, suplanta incomensuravelmente o fulgor do nosso Sol ao meio-dia. A glória de Deus e do Cordeiro inunda a santa cidade, com luz imperecível. Os remidos andam na glória de um dia perpétuo, independentemente do Sol.

Deus brilhará sobre eles” (Apoc. 22:5). A luz do Sol será excedida por um brilho que não é ofuscante e, contudo, suplanta incomensuravelmente o fulgor do nosso Sol ao meio-dia. A glória de Deus e do Cordeiro inunda a santa cidade, com luz imperecível. Os remidos andam na glória de um dia perpétuo, independentemente do Sol.

“Nela não vi templo, porque o seu templo é o Senhor Deus todo-poderoso, e o Cordeiro” (Apoc. 21:22). O povo de Deus tem o privilégio de entreter franca comunhão com o Pai e o Filho. “Agora, vemos as coisas como num espelho e de maneira confusa” (I Coríntios 13:12, BBN). Contemplamos a imagem de Deus refletida como que num espelho, nas obras da Natureza e na Sua relação com os homens. Mas, então, conhecê-’O-emos face-a-face, sem um véu obscurecedor de separação. Estaremos na Sua presença, e contemplaremos a glória do Seu rosto.



Quando atravessamos uma fronteira, compreendemos que saímos de um país e entramos noutra. Na fronteira, terminam as responsabilidades e os privilégios de quem está incumbido de administrar um determinado território. Com o mesmo papel das fronteiras internacionais, existem os limites que separam Distritos, Concelhos e Freguesias, no caso do nosso país. O mesmo se aplica à propriedade privada. Os muros ou as vedações separam o que diz respeito à minha família daquilo que é público, como a rua, ou do que pertence ao meu vizinho. Na área que me pertence, tenho obrigações, como a limpeza e a manutenção, mas também tenho privilégios: posso brincar, plantar, colher, etc. Dentro de casa também existem limites. As paredes dividem o todo em compartimentos, como sejam os quartos. Se pensarmos que cada quarto corresponderia a uma pessoa, podemos, a partir daí, estabelecer uma interessante analogia para as relações humanas.

O autor Henry Cloud, no seu livro, *Limites*, explora bem esta temática. Ele sustenta que os limites são essenciais para uma vida saudável e equilibrada. Limites são, assim, linhas visíveis ou invisíveis que definem o que me pertence, as minhas responsabilidades, os meus valores. A ausência de limites invariavelmente leva a uma panóplia de dificuldades. Voltando à analogia da casa, a vida de uma pessoa sem limites seria um quarto sem paredes, uma área em *open space*, onde qualquer um entra e sai. Noutra extremo, temos pessoas que estão muito fechadas em si mesmas, o que corresponderia a um quarto sem portas ou janelas. Idealmente, devem existir paredes sólidas e uma porta que se abre e fecha conforme a necessidade e a vontade da pessoa. O que acontece quando assim não é?

Certamente já conviveram com pessoas que simplesmente não conseguem dizer “não” e que, por consequência, andam frequentemente às voltas

Os limites



com uma vida completamente desestruturada. Quem nunca se recriminou a si mesmo por não ter sido capaz de dizer “não” em determinada situação? Acredito que todos teremos, de certa maneira, as nossas dificuldades com os limites. Essas dificuldades têm, entretanto, consequências que gostaríamos certamente de evitar. Para não sermos exaustivos, poderíamos citar apenas o cansaço crônico, o esgotamento, a negligência da família, a vulnerabilidade ao abuso por parte de outras pessoas, a falta de qualidade de vida, a depressão e a ansiedade, a tendência para as dependências e uma grande frustração por não conseguir gerir a própria vida de forma satisfatória.

O que poderia estar na origem desta dificuldade? Segundo Henry Cloud, a construção de limites, quando tudo corre bem no desenvolvimento da criança, fica evidente aos três anos, quando a criança aprendeu a ligar-se emocionalmente aos outros sem perder a noção de si mesma e sem deixar a sua autonomia de lado, quando aprendeu também a dizer “não” sem ter medo de perder o amor das pessoas e a aceitar o “não” dos outros sem se retrair emocionalmente. Em resumo, a criança aprendeu que era amada e foi ensinada a ser disciplinada. E se não aprendemos isso tudo aos três anos? Ainda vamos a tempo aos 23, 33, 43, 53 ou 63? Outra possível causa da dificuldade referida seriam algumas ideias teológicas distorcidas. Será que a ideia de que nos devemos “negar a nós próprios” (Mateus 16:24) é a única máxima bíblica que devemos aplicar a tudo, pressupondo que não devemos estabelecer limites protetores à volta da nossa existência? Não

terá Deus, por exemplo, estabelecido Ele próprio limites? Vejamos como exemplo os Dez Mandamentos. Neles, Deus estabelece limites que separam o que é aceitável do que não é e Ele descreve-Se como Santo, separado daquilo que não é. Jesus, quando pressionado a permanecer em Cafarnaum, estabeleceu limites à interferência de vontades alheias que O podiam desviar da Sua missão (Marcos 1:32-38).

Sim, precisamos de ter limites, precisamos de recordar que há um tempo para tudo debaixo do Sol (Eclesiastes 3:1-8). Ellen G. White afirma que a “essência de toda a fé perfeita é fazer a coisa certa no tempo certo” (*Testemunhos para a Igreja*, vol. 6, p. 24). Precisamos de educar os nossos filhos a autogovernarem-se e esse é o objetivo de toda a disciplina (*Educação*, p. 243, ed. P. SerVir). Isto pressupõe a presença da temperança ou do domínio próprio, assim como do respeito próprio. Para muitos, dizer “não” torna-se muito difícil por causa do medo da rejeição, do abandono, da humilhação ou da ira alheia, mas, quando nos sentimos amados e preciosos aos olhos de Deus, reencontramos o amor que lança fora todo o medo (I João 4:18). Bons relacionamentos incluirão sempre limites e terão como características o apoio mútuo, a cooperação, a honestidade, a confiança, a segurança e a transparência. Será que ainda vamos a tempo de aprender a dizer “não” e de estabelecer limites que tornem os relacionamentos mais saudáveis? Sim, mas é preciso primeiro ter a mente renovada, aprender a dizer o que queremos e comunicar isso mesmo.



A Associação dos Universitários Adventistas (AUA) pretende dar resposta aos desafios e às inquietações que os Jovens Universitários Adventistas encontram na sua vida pessoal, académica, profissional e espiritual.

Convence-te primeiro!

Chegamos à Universidade com sonhos e expectativas. A vida parece estar encaminhada e o futuro parece certo. Estudámos para testes e exames e esforçamo-nos para conseguir entrar num curso superior. Mesmo podendo não ter entrado na primeira opção, chegámos à Universidade, e isso é uma vitória.

Lembramo-nos de coisas importantes e pensamos ao de leve em todo o tempo que

gastámos em coisas fúteis e sem sentido. Tínhamos mais tempo, que, pensando bem, desaproveitámos. Olhamos agora para os anos da Universidade como se o melhor estivesse ainda por vir.

A vida segue, o tempo corre, os trabalhos surgem, conhecemos gente nova, e de repente... alguém introduz uma conversa sobre fé! Partilhas um pouco do teu teste-



UNITALKS

19 de outubro Lisboa

munho; no entanto, parece que não te consegues fazer compreender pelos teus amigos que não acreditam, e sentes que falhaste em explicar as tuas crenças aos teus amigos de outra religião ou de religião nenhuma. Talvez, como eu, acabes essa conversa (a primeira de muitas, podes ter a certeza!) a questionar seriamente a razão de acreditares.

Esta situação não acontece só com recém-universitários, mas acontece, nalgum momento da vida, a todos os que creem em Deus. E é este o momento que nos faz realmente querer compreender aquilo em que cremos e a razão de O seguirmos. É a partir destes questionamentos que a nossa identidade como seguidores de Cristo vai ser realmente formada com bases sólidas e estaremos cada vez mais aptos a seguir o conselho que a Palavra de Deus nos traz no livro de Pedro: “Estejam sempre preparados para responder a todos os que vos interrogarem acerca da esperança que têm” (1 Pedro 3:15, *BPT*).

As evidências de um Deus Criador estão à nossa volta, mas estas nunca foram apresentadas à maior parte dos nossos colegas, e o conceito de Deus que outros lhes deram está muito longe daquilo que Ele realmente é. É este, então, o momento de nos prepararmos e de organizarmos as razões da nossa fé; de

**Queremos
estar contigo!**

Convidamos-te a seguires a AUA através das nossas redes sociais ou a colocares qualquer questão ou pedido que tenhas mediante o *email* universitarios@adventistas.org.pt.



pesquisarmos a fundo os motivos daquilo em que acreditamos; e de encontrarmos razões para a nossa fé em que nem sequer tínhamos pensado antes. Deus guiará essa pesquisa e, em breve, teremos a firme certeza: “Louvem todos o nome do Senhor, pois ele deu uma ordem e tudo foi criado; ele fixou tudo nos seus lugares para sempre e estabeleceu-lhes leis a que não podem fugir!” (Salmo 148:5 e 6, *BPT*.)

Se queres então mostrar às pessoas que te rodeiam o Deus que nos criou e o Salvador que nos resgatou, dedica tempo à pesquisa da Palavra de Deus e à oração, e convence-te primeiro!


TIAGO LOPES
Equipa de apoio
à coordenação
da AUA



Gerhard Pfandl

Teólogo

*Artigo retirado da Revista
Adventista brasileira de
fevereiro de 2024.*



“Mas, a manifestação do Espírito é dada a cada um, para o que for útil”
(I Coríntios 12:7).

Falar em línguas: O que ensina a Bíblia sobre esta prática controversa?

Numa certa ocasião, recebi uma carta de um membro de Igreja relatando que um visitante da sua congregação falava em línguas durante o culto. Falar em línguas é uma característica distintiva de mais de 30 Denominações Pentecostais ao redor do mundo. De facto, se somarmos os membros que falam línguas entre as Igrejas carismáticas e tradicionais, como alguns Batistas, Metodistas ou Católicos, contaremos muitos milhões de pessoas.

Os discípulos, após três anos e meio a aprender aos pés do Salvador, estavam despreparados e sem poder para dar continuidade à Sua obra (Mateus 28:19). Jesus tinha-lhes dito: “Eis que sobre vós envio a promessa do meu Pai: Ficai, porém, na cidade de Jerusalém, até que do alto sejais revestidos de poder” (Lucas 24:49).

De facto, ninguém está preparado para o serviço cristão, a menos que seja revestido com poder divino. Conhecimento e atividade são insuficientes. Ellen G. White escreveu: “O que precisamos é do batismo do Espírito Santo. Sem ele, não estamos mais aptos para ir ao mundo do que estavam os discípulos após a crucificação do seu Senhor. Jesus conhecia a necessidade deles e disse-lhes para esperarem em Jerusalém até serem revestidos com poder do Alto.” – “How to Meet a Controverted Point of Doctrine”, *Review and Herald*, 18 de fevereiro de 1890.

Uma atividade importante do Espírito Santo prometido é conceder dons. “Mas, a manifestação do Espírito é dada a cada um, para o que for útil” (I Coríntios 12:7). Os dons mencionados em I Coríntios 12:7-11

são: sabedoria, conhecimento, fé, cura, operação de milagres, profecia, discernimento de espíritos, variedade de línguas e interpretação de línguas.

O fenómeno de falar línguas é comumente chamado “glossolalia”, palavra derivada dos termos gregos *glossa* (“língua”) e *laleô* (“falar”). De acordo com Elias Andrews, o dom de línguas “consistia em discurso articulado e ininteligível emitido por Cristãos, que, em estado de êxtase, acreditam estar possuídos pelo Espírito”. – “Tongues, Gift of”, *The Interpreter's Dictionary of the Bible*, Abingdon, 1962, vol. 4, p. 671. Neste sentido, a glossolalia tem sido reconhecida em religiões não-cristãs nos tempos antigos e modernos. Sacerdotes pagãos, curandeiros, xamãs e outras personalidades religiosas têm falado em línguas em diversas ocasiões cerimoniais e litúrgicas.

Nas últimas décadas, os estudiosos têm investigado a glossolalia para determinar se pode ser considerada uma verdadeira língua. Os resultados têm sido unilaterais. William Welmes, antigo Professor de Línguas Africanas na Universidade da Califórnia, em Los Angeles, escreveu: “Devo relatar sem reservas que a minha amostra não soa estruturalmente como uma língua. Não há mais do que dois sons de vogais contrastantes e um conjunto bastante peculiar de sons de consoantes; estes combinam-se em pouquíssimos agrupamentos de sílabas que se repetem muitas vezes em diversas ordens. As consoantes e as vogais não soam como inglês [a língua usada como comparação], mas os padrões de entoação são tão completamente diferentes do in-

glês americano que o efeito total é um pouco extravagante.” – “Letter to the Editor”, *Christianity Today*, 8 de novembro de 1963, pp. 19 e 20.

William Samarin, Professor de Linguística na Universidade de Toronto, estudou extensivamente a glossolalia durante cinco anos. Ele avaliou a glossolalia como “uma expressão humana sem sentido, mas foneticamente estruturada, que o falante acredita ser uma língua real, mas sem semelhança sistemática com qualquer língua real, viva ou morta.” – *Tongues of Man and Angels*, Macmillan, 1972, p. 2.

A maioria dos carismáticos, por sua vez, reconhece que a glossolalia moderna não é uma língua humana comum. Eles acreditam que seja uma língua celestial. “A glossolalia é, de facto, uma língua num sentido diferente da palavra. [...] No entanto, a maior parte das evidências sugere que, embora haja um padrão e uma forma, falar em línguas provavelmente não se trata de falar uma língua conhecida ou uma língua humana conforme entendida atualmente.” – H. Newton Malony e A. Adams Lovekin, *Glossolalia: Behavioral Science Perspectives on Speaking in Tongues*, Oxford University Press, 1985, p. 38.

O dom de línguas no Novo Testamento

A questão de se saber se o dom de línguas do Novo Testamento é o mesmo que a glossolalia moderna gera divergências entre os estudiosos. Alguns acreditam que se tratava simplesmente de um discurso extático. Por exemplo: “A glossolalia cristã primitiva era a

emissão de palavras sem sentido sob a compulsão de emoções extáticas e incontroláveis – uma cacofonia incompreensível para todos, exceto para os poucos que foram carismaticamente capacitados para a sua interpretação.” – S. MacLean Gilmour, “Easter and Pentecost”, *Journal of Biblical Literature*, março de 1962, p. 64. Outros estão convencidos de que “ao falar outras línguas, os crentes forneciam evidências de que o Espírito Santo estava a realizar um milagre”. – Simon J. Kistemaker, *Acts*, Baker, 1990, p. 8. Há também aqueles que veem tanto o discurso extático como as línguas estrangeiras no Novo Testamento.

A maioria, porém, entende que os fenómenos descritos em Atos 2:4 e I Coríntios 14:2 são significativamente diferentes entre si. Num caso, as outras pessoas entendiam o discurso na sua própria língua ou no seu dialeto e, noutro, era necessário um intérprete. É por esse motivo que muitos interpretam *glossa*, em I Coríntios 14:2, como discurso extático, que também era um elemento importante nas religiões helenísticas e constituía um símbolo de inspiração divina. (Ver J. P. Louw *et al.*, *Greek-English Lexicon of the New Testament Based on Semantic Domain*, United Bible Societies, 1988, vol. 1, p. 389.)

O dom de línguas é mencionado nos Evangelhos apenas uma vez (Marcos 16:17); em Atos, aparece em três textos (2:4-11; 10:46; 19:6); e, em I Coríntios 12 a 14, ocorre 20 vezes (12:10 [2x], 28, 30; 13:1, 8; 14:2, 4, 5 [2x] e 6, 13 e 14, 18 e 19, 22 e 23, 26 e 27, 29).

O primeiro a falar sobre o dom de línguas foi o próprio Jesus. Referindo-



-Se aos Seus seguidores, Ele disse: “Em meu nome expulsarão os demónios; falarão novas línguas” (Marcos 16:17). O cumprimento desta profecia é encontrado em Atos 2: “E, cumprindo-se o dia de Pentecostes, estavam todos reunidos no mesmo lugar; e de repente veio do céu um som, como de um vento veemente e impetuoso, e encheu toda a casa em que estavam assentados. E foram vistas, por eles, línguas repartidas, como que de fogo, as quais pousaram sobre cada um deles. E todos foram cheios do Espírito Santo, e começaram a falar noutras línguas, conforme o Espírito Santos lhes concedia que falassem” (Atos 2:1-4).

Todos ficaram cheios do Espírito Santo e começaram a falar. Não houve período de ensino, nem tempo para a aprendizagem. Eles começaram a falar imediatamente “em outras línguas”, ou seja, em idiomas estrangeiros (Atos 2:6, 8, 11). Enquanto alguns intérpretes veem a expressão de uma língua extática em Atos 2, a maioria concorda de que se trata de verdadeiros idiomas: “As línguas em [Atos] 2:4 são

mais bem-entendidas como ‘idiomas’ e devem ser interpretadas precisamente como a referência de Filon à linguagem compreensível enquanto um dos três sinais da presença de Deus na entrega da Lei no Monte Sinai.” – Richard N. Longenecker, “The Acts of the Apostles”, *The Expositor’s Bible Commentary*, Zondervan, 1981, vol. 9, p. 271. Ellen G. White explicou: “Este maravilhoso dom era para o mundo uma forte evidência de que o seu trabalho tinha a marca do Céu. Daí por diante, a linguagem dos discípulos era pura, simples e cuidada, falassem eles no idioma materno ou numa língua estrangeira.” – *Atos dos Apóstolos*, p. 30, ed. P. SerVir.

Em primeiro lugar, as línguas eram consideradas evidência do batismo com o Espírito Santo. Em Atos 1:5, Jesus disse aos apóstolos que seriam batizados com o Espírito Santo; no Pentecostes, esse batismo ocorreu. O segundo propósito das línguas era equipar para a missão. “Com base na predição de Jesus, tal como está registrada em Marcos 16:17, e no seu con-

texto, o propósito do dom de línguas era fornecer os meios de comunicação para a evangelização do mundo por intermédio da proclamação do Evangelho.” – Gerhard F. Hasel, *Speaking in Tongues*, Adventist Theological Society, 1991, p. 74. Nesse sentido, Atos 2 é o capítulo fundamental para se interpretar o dom de línguas no Novo Testamento. Trata-se de um texto facilmente compreensível.

Em Atos 10:44-48, Cornélio e a sua família receberam o Espírito Santo quanto aceitaram Cristo. Como Pedro explicou aos apóstolos, “Caiu sobre eles o Espírito Santo, como também sobre nós ao princípio” (Atos 11:15). O propósito de Deus com esse incidente era convencer os Judeus de que os Gentios também recebiam o Espírito Santo e tinham parte no Reino de Deus.

As “línguas” em Corinto

Depois de Jerusalém, Cesareia e Éfeso (Atos 19), Corinto tornou-se na quarta metrópole na qual o “falar em línguas” foi manifestado no Novo Testamento. A Igreja na cidade foi fundada na segunda viagem missionária de Paulo (Atos 18:1-18). Ela enfrentava muitos problemas: divisões (I Coríntios 3:3), imoralidade (5:1), litígios entre os Cristãos (6:1), questões matrimoniais (7:1), abuso na Ceia do Senhor (11:21) e falta de compreensão sobre os dons espirituais (12-14).

Outro problema em relação aos dons espirituais em Corinto é que não sabemos qual era a pergunta referente ao dom de línguas à qual Paulo estava a responder. Para nós, a questão é: as “línguas” em Corinto eram um

Todos ficaram cheios do Espírito Santo e começaram a falar. Não houve período de ensino, nem tempo para a aprendizagem. Eles começaram a falar imediatamente “em outras línguas”, ou seja, em idiomas estrangeiros.

discurso extático ou eram verdadeiros idiomas? Há argumentos para ambos os lados desta questão (veja a página seguinte).

Em relação à glossolalia moderna, Ellen G. White afirmou: “Algumas dessas pessoas têm formas de culto a que chamam dons e dizem que o Senhor os pôs na Igreja. Têm um palavreado sem sentido a que chamam língua desconhecida, desconhecida não só ao Homem, mas ao Senhor e a todo o Céu!” – *Maranata*, p. 153.

Neste artigo, discutimos dois tipos de línguas: um é o dom bíblico da capacidade para falar línguas estrangeiras, o outro é uma experiência extática, um discurso sem sentido, que pode ser encontrado em religiões antigas e contemporâneas. Contudo, é importante lembrar que há apenas um dom de línguas no Novo Testamento, e, conforme Gerhard Hasel afirmou, “é muito razoável concluir que o falar em línguas em todo o Novo Testamento é o dom de falar milagrosamente línguas estrangeiras não aprendidas”. – *Speaking in Tongues*, p. 150.

Argumentos favoráveis às línguas como verdadeiros idiomas

1. O Novo Testamento conhece apenas um dom de línguas.
2. Em Atos, as línguas são idiomas estrangeiros; portanto, em I Coríntios, as línguas devem também ser idiomas estrangeiros. Assim, I Coríntios deve ser interpretado à luz de Atos, não o contrário.
3. Deus age por meio da inteligência humana. O Senhor que alertou contra a repetição de frases vazias de sentido dos Gentios (Mateus 6:7) inspiraria um discurso sem sentido?
4. Em I Coríntios 14:22, as línguas são um sinal para os descrentes, como no Pentecostes. Portanto, as línguas devem ser uma linguagem real.
5. Os dons foram dados para o bem comum (I Coríntios 12:7). Isso descarta o uso de um dom unicamente para a gratificação pessoal.
6. As línguas em Corinto foram usadas de maneira inadequada. Em I Coríntios 14:2, Paulo criticou os membros da igreja por usarem o seu dom para falar com Deus e não com seres humanos. No versículo 4, ele condenou o uso das línguas para edificação própria.
7. Em I Coríntios 14:21 e 22, Paulo comparou as línguas com o idioma assírio/babilônico.

8. *Glossa*, na *Septuaginta* (LXX), é usada 30 vezes para designar uma língua e apenas duas vezes para designar um discurso ininteligível – não-extático –, mas discurso vacilante (Isaías 29:24; 32:4).

Argumentos favoráveis às línguas como falar extático

1. Existem diferenças entre Atos e I Coríntios. Em Atos, o foco era na pregação; em I Coríntios, o foco é na oração e na ação de graças. Em Atos, não havia interpretação; em I Coríntios, havia intérprete (I Coríntios 14:13).
2. Nas características das línguas em I Coríntios 14, a pessoa fala com Deus, não com outras pessoas (vv. 2, 28); ninguém a entende (v. 2); no espírito, ela fala sobre mistérios (v. 2); e edifica-se a si mesma (v. 4).
3. Se a *glossa* em Corinto fosse uma língua estrangeira, Paulo dificilmente a teria criticado. Ele teria dito aos membros que a usassem para testemunhar.
4. As perguntas feitas apoiam a tese de que se trata de falar extático (I Coríntios 14:6, 9, 16, 23). No entanto, todos estes elementos também podem ser compreendidos no contexto do uso inadequado de línguas estrangeiras na Igreja em Corinto. Em vez de usarem o dom de línguas para propósitos missionários, eles utilizavam-no para se glorificar.



Os princípios gêmeos da Benevolência Sistemática

A Benevolência Sistemática estava enraizada em “dois grandes propósitos que Deus colocara diante da Humanidade: Cuidar dos pobres e espalhar o Evangelho”.



Kevin M. Burton
Historiador

*Retirado da revista Adventist
World de maio de 2020.*

Aqueles que estão familiarizados com a história Adventista recordarão que os pioneiros Adventistas do Sétimo Dia adotaram um plano financeiro para ofertas conhecido como “Benevolência Sistemática”, que foi um precursor da nossa prática atual de dizimar.

Pastores Adventistas como John N. Loughborough e John Nevins Andrews lutavam para se manter financeiramente ao viajarem na missão de pregar o Evangelho. Dado que alguns Pastores abandonaram a Obra, descorajados, os primeiros líderes da Igreja perceberam rapidamente a gravidade da situação.

Um sistema de remediação

Para remediar o esgotamento pastoral e facilitar a pregação do Evangelho, os líderes da Igreja adotaram um plano conhecido como “Benevolência Sistemática” em 1859. Nos relatos históricos sobre as nossas origens, os historiadores enfatizam que o sistema de dízimo Adventista está enraizado no apoio financeiro dado aos Pastores que pregam ativamente o Evangelho. No entanto, esta “narrativa-padrão” é apenas parcialmente verdadeira. Um dos princípios gêmeos do nosso sistema de dízimo tem sido, infelizmente, esquecido. Pelo menos na narração da nossa história.

Segundo o historiador da Religião James Hudnut-Beumler, muitos Cristãos nos Estados Unidos da América começaram a promover a Benevolência Sistemática em meados do século XIX. A Benevolência Sistemática estava enraizada em “dois grandes propósitos que Deus colocara diante da Huma-

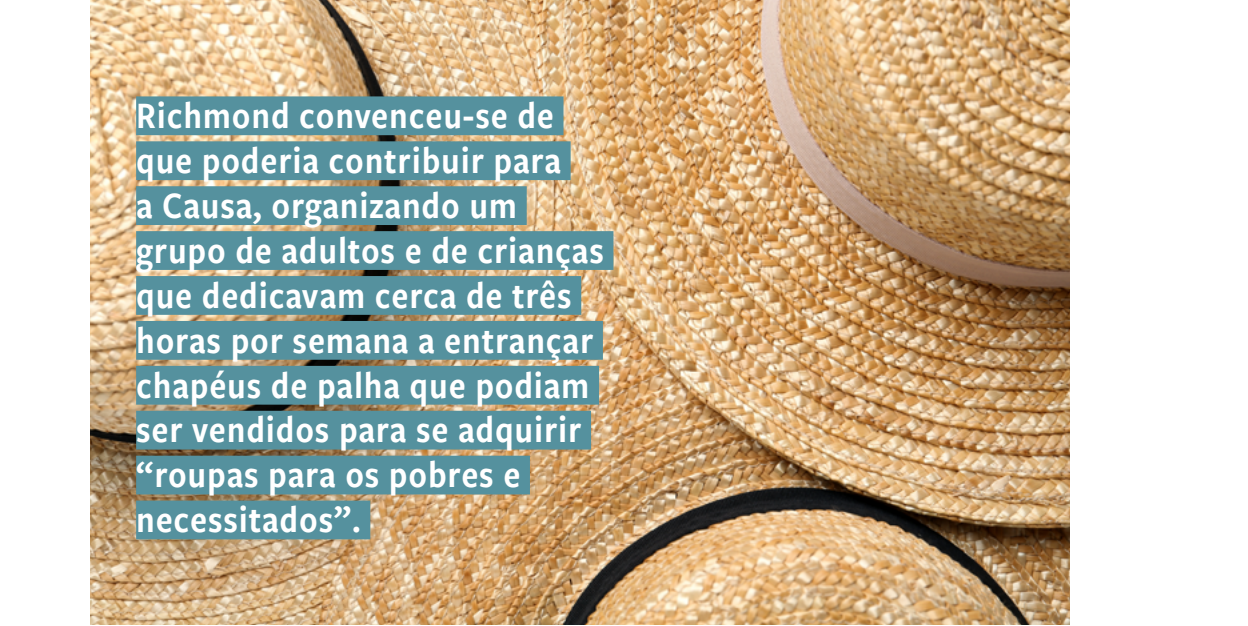
nidade: Cuidar dos pobres e espalhar o Evangelho”.¹ Os líderes Adventistas estavam cientes destes desenvolvimentos e, depois de estudarem cuidadosamente a questão, adotaram formalmente a Benevolência Sistemática na importante reunião ocorrida em Battle Creek, Michigan, em junho de 1859.

Como os seus contemporâneos não-Adventistas, os Adventistas enfatizaram que este novo plano sistematizaria a missão da Igreja ao focar a atenção “nos dois grandes objetivos” da benevolência: Prestar auxílio financeiro e material aos pobres, aos idosos e às viúvas, e também aos Pastores e aos Missionários.

A iniciativa “O Bom Samaritano”

Durante o verão de 1859, Ellen e James White empreenderam uma nova iniciativa editorial para promover os princípios gêmeos da Benevolência Sistemática. O novo jornal tinha por título *The Good Samaritan* (*O Bom Samaritano*). Infelizmente, hoje apenas são conhecidos três números sobreviventes deste jornal. O primeiro número está entre aqueles que faltam, mas,

Para remediar o esgotamento pastoral e facilitar a pregação do Evangelho, os líderes da Igreja adotaram um plano conhecido como “Benevolência Sistemática” em 1859.



Richmond convenceu-se de que poderia contribuir para a Causa, organizando um grupo de adultos e de crianças que dedicavam cerca de três horas por semana a entrançar chapéus de palha que podiam ser vendidos para se adquirir “roupas para os pobres e necessitados”.

provavelmente, apareceu no início de agosto de 1859, cerca de um mês depois de os Adventistas terem adotado a Benevolência Sistemática.

Este jornal trimestral promovia o novo plano para a doação financeira e “foi publicado quase totalmente em referência ao auxílio dos necessitados e dos aflitos” sob o seguinte mote no seu cabeçalho: “Amarás o teu próximo como a ti mesmo” (Mateus 22:39).²

O jornal *The Good Samaritan* foi rapidamente adotado numa reunião realizada em Battle Creek, Michigan, em 7 de agosto de 1859, e foi nomeado um Comité “para receber doações de dinheiro ou de peças de vestuário para os pobres”. O referido Comité era composto inteiramente por mulheres e incluía Harriet N. Smith, Ann J. Kellogg e Hulda Godsmark.

De facto, as mulheres eram a força motriz por trás da Benevolência Sistemática (sendo talvez por isso que esta se tornou conhecida nos círculos Adventistas pela alcunha “*Sister Betsy*”). A primeira ação deste Comité foi

nomear 48 agentes – invariavelmente mulheres – em cada Estado com uma presença Adventista para reunirem dinheiro e roupas para os Pastores e para os leigos necessitados.

Ellen G. White, a coeditora de facto do jornal, relatou pessoalmente e publicou as ações do Comité no segundo número do *The Good Samaritan*, que apareceu em dezembro de 1859.³

Durante os meses seguintes, Ellen e James White “defenderam a causa dos necessitados”, reforçaram “este apelo junto dos outros” e “deram o exemplo, doando generosamente”. As suas ações inspiraram outros a defenderem os princípios gémeos da Benevolência Sistemática.

Abigail Palmer, de Jackson, Michigan, por exemplo, comprou um livro de registo para que “cada membro da família ou da igreja” pudesse registar as suas doações semanais para “as viúvas, os órfãos e os pobres entre os guardadores do Sábado”.

Quando Lois J. Richmond leu pela primeira vez o *The Good Samari-*

tan, ela chorou, porque creu que este era o plano de Deus para a Sua Igreja. Richmond contava-se, ela mesma, entre os pobres, mas convenceu-se de que, ainda assim, poderia contribuir para a Causa. Ela assim fez, organizando um grupo de adultos e de crianças que dedicavam cerca de três horas por semana a entrançar chapéus de palha que podiam ser vendidos para se adquirir “roupas para os pobres e necessitados”. Passado um mês, o grupo organizado por Richmond tinha obtido “um pouco mais de quatro dólares em dinheiro e em roupas”, dinheiro que ela enviou a Ellen G. White para que fosse distribuído entre os pobres e oprimidos.⁴

The Good Samaritan foi, aparentemente, publicado regularmente até ao início de 1861. Em março desse ano, James White lamentou não ter recebido suficiente matéria escrita para publicação e decidiu que era mais prático publicar o jornal apenas ocasionalmente. Depois de a Guerra Civil ter começado em abril, tornou-se ainda mais difícil sustentar três jornais Adventistas. O último número conhecido do *The Good Samaritan* apareceu em junho de 1861.

Um sistema continuado

No entanto, a Benevolência Sistemática não morreu com o desaparecimento do jornal. Os pioneiros Adventistas continuaram a enfatizar os seus princípios gêmeos e a agir de acordo com eles, à medida que a Igreja se organizou oficialmente e continuou a crescer.

Hoje, muitos Adventistas esqueceram-se de que o nosso sistema de dízimo se desenvolveu a partir de uma

Estes dois princípios gêmeos são o que tornam a nossa missão sistemática – uma missão de benevolência compassiva que serve o corpo e a alma.

compaixão coletiva pelos que eram pobres, viúvas, órfãos e idosos, bem como a partir do desejo de apoiar os Pastores e os Missionários. Estes dois princípios gêmeos são o que tornam a nossa missão sistemática – uma missão de benevolência compassiva que serve o corpo e a alma.

1
James Hudnut-Beumler, *In Pursuit of the Almighty's Dollar: A History of Money and American Protestantism* (Chapel Hill, N.C.: University of North Carolina Press, 2007), pp. 6-31; R. F. Cottrell, “From Bro. Cottrell”, *The Good Samaritan*, dezembro de 1859, p. 8.

2
J. N. Andrews, G. H. Bell e Uriah Smith, *Defense of Elder James White and Wife: Vindication of Their Moral and Christian Character* (Battle Creek, Mich.: Steam Press, 1870), pp. 18 e 19; Joseph Bates e U. Smith, “Business Meeting of B. C. Church”, *Advent Review and Sabbath Herald*, 11 de agosto de 1859, p. 96.

3
Bates e Smith; E. G. White, “Business Meeting of the B. C. Church”, *The Good Samaritan*, dezembro de 1859, p. 6; James White, “Eastern Tour”, *Advent Review and Sabbath Herald*, 1 de setembro de 1859, p. 16.

4
Abigail Palmer, “From Sister Palmer”, *The Good Samaritan*, fevereiro de 1860, p. 12; Lois J. Richmond, “From Sister Richmond”, *The Good Samaritan*, dezembro de 1859, p. 8.

Adquira já!



OMOBONIKE ADEOLA SESSOU

Senhor,
FAZ DE MIM UMA
Mulher Virtuosa!



5€



COMPRA *ONLINE* WWW.PSERVIR.PT | LIGUE 21 962 62 00

E-MAIL CLIENTES@PSERVIR.PT |  +351 925 896 870